



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

Ruttyê Silva de Abreu

OS “GRANDES PEQUENOS” E EU: COMO ME FORMEI PROFESSORA

São Gonçalo
UERJ/FFP
2014

OS “GRANDES PEQUENOS” E EU: COMO ME FORMEI PROFESSORA

Ruttyê Silva de Abreu

Monografia submetida ao corpo docente do Departamento de Educação da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção da Graduação no Curso de Pedagogia, sob a orientação da Professora Dra. Mairce S. Araújo, São Gonçalo, 2014.

Orientadora: Professora Doutora Mairce da Silva Araújo

(Departamento de Educação /Faculdade de Formação de Professores, UERJ)

Ruttyê Silva de Abreu

OS “GRANDES PEQUENOS” E EU: COMO ME FORMEI PROFESSORA

Monografia submetida ao corpo docente da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, como parte dos requisitos à obtenção do grau de licenciatura.

Aprovada em: _____ de _____ de 2014.

Banca Examinadora:

Prof^a. Dr^a. Mairce da Silva Araújo (Orientadora)
Faculdade de Formação de Professores / UERJ

Prof^a. Dr^a. Regina de Fatima de Jesus
Faculdade de Formação de Professores / UERJ

São Gonçalo

UERJ- FFP

2014

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/CEH/D

A162 Abreu, Rutyê Silva.
Os “grandes pequenos” e eu: como me formei professora / Rutyê
Silva de Abreu - 2014.
74f.

Orientadora: Prof^a Dr.^a Mairce da Silva Araújo
Monografia (Licenciatura em Pedagogia) - Universidade do Estado
do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores.

1. Memória 2. Formação de professores 3. Infância. I Araújo,
Mairce da Silva. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro,
Faculdade de Formação de Professores, Departamento de Educação.
III. Título.

CDU 374.7(81)

DEDICATÓRIA

Dedico esta monografia às crianças. Crianças da Escola Municipal Zulmira M. N. Ribeiro e a todas as crianças que tive contato dentro e fora das escolas em que passei durante minha graduação. Crianças que permitiram que eu estivesse entre elas, acompanhando suas manhãs e tardes, que me ensinaram e ensinam a ser uma professora sensível às suas múltiplas linguagens.

AGRADECIMENTOS

Impossível começar um agradecimento se não for por Deus em primeiro lugar. Obrigada Deus pela saúde, pela vida. Por me conceder a dádiva de entrar para a Universidade, por todo amparo nos momentos mais difíceis, por toda proteção.

Obrigada Flavio, marido, companheiro, amigo de todas as horas. Você foi o ouvinte mais presente durante esses cinco anos de graduação. Foi quem ouviu muitos lamentos, muitos desabafos e muitos relatos alegres também. Foi quem esteve ao meu lado nas horas em que o passo foi apertado e nas horas em que o passo foi tranquilo. Foi por você me apoiar, permitir que me dedicasse integralmente, me amar, me cuidar que cheguei até aqui. Vencemos essa etapa amor!

Obrigada aos meus pais. Meu pai querido Antonio homem honesto que pouco viveu comigo... pai sei e sinto que de onde o senhor está cuida de mim. À minha amada mãe, mulher de fibra e que possui o coração mais afetuoso que conheço, a mulher que me ensinou a amar, me ensinou a acertar e a errar. A primeira professora da família. Amo a senhora mãe!

Obrigada aos meus sogros, pais que me adotaram aqui nessa terra. S. Roberto e Dna. Cinda amo vocês!

Obrigada aos meus irmãos presentes das mais diversas formas, Rogério me fazendo sorrir e chorar de saudade, Rosângela ouvinte carinhosas por horas a fora nas conversas pelo telefone, Romes que me ensina com o silêncio e com sua postura e Raimunda me dando broncas e acreditando no meu potencial. Especialmente você Ray que me impulsionou e me fez acreditar no sonho de entrar na Universidade, não desistiu de mim. Obrigada!

Rubens irmão querido, saudades!

Família, cunhados, cunhadas, compadres e comadres, sobrinhos e sobrinhas, afilhadas e afilhados. Amo vocês!

Obrigada Manoel Santana, você que me aceitou na sua casa, quando para o Rio vim morar, me aceitou como irmã, me amou, me

apoiou. Sempre disponível a dar boas risadas comigo e a compartilhar. Beijo grande!

Obrigada nêguinha Swylane! Pessoa querida e companheira dos desabafos. Amo você!

Obrigada aos amigos e amigas que entenderam minha ausência sofreram e também riram comigo!

Meninas do mitiê, minha turma querida: Rafaella, Evelyn, Bruna Cabral, Bruna Pontes, Marcella minha loira, Tânia, Dayse, obrigada pelos anos de amizade e boas risadas.

Em especial Thatá, Celinha e minha querida Gal, o quarteto fantástico que sempre se uniu em todos os momentos. Obrigada meninas, amizade sincera que carregarei por toda vida. Thatá e Celinha amo vocês! Obrigada pelo riso, pelas gargalhadas nos momentos mais angustiantes que vivemos nessa jornada. Thatá obrigada pelas bagunças, Celinha obrigada por tudo, principalmente pelas brigas!

Obrigada Gal, Gláucia Coelho, minha amiga de todas as horas pessoa que esteve comigo em diversas atividades e trabalhos. Juntas compartilhamos as contações de histórias, os desafios do estágio e da pesquisa, a vocação de ser professora. Obrigada por seu amor e sua amizade. Bebê, amo você Amiga!

Obrigada amigo e amigas do grupo de pesquisa ALMEF “Alfabetização, Memória e Formação de Professores”, pelas reuniões calorosas e pelo laço fortalecido através dos nossos encontros.

Obrigada professoras da Escola Zulmira, que compartilharam comigo suas experiências. Obrigada professora Jaqueline que de forma tão receptiva permitiu minha intervenção junto às crianças de sua turma.

Obrigada imensamente às professoras da minha casa, Faculdade de Formação de Professores – FFP. Especialmente Mariza Assis, Vera, Gustavo, Azoilda, Anelice, Lúcia Velloso, Maria Tereza, Inês Bragança, Gláucia Guimarães, Rogério Coutinho, Jênesis, Jacqueline, Regina de Jesus... professoras (es) especiais que me ajudaram a caminhar na formação.

Obrigada aos funcionários que ali se fizeram presentes e me socorreram em diversos momentos, fazendo a minha estadia nessa

casa ser mais prazerosa, especialmente Ana Considera e Ailton José.

Obrigada querida mestra, orientadora, amiga Mairce Araújo! Obrigada por todos os momentos, por todo amparo, pelo carinho, pelas broncas... pelas risadas, pelos momentos difíceis e pelos momentos leves. Obrigada pelo incentivo, pelo apoio. Obrigada por insistir quando eu não mais queria, por não desistir de mim... obrigada pelos anos de amizade, de ensino e diversas aprendizagens e de luta. Por mostrar que ser professora é acreditar, não desistir e amar! Obrigada!

Eu sei que não cheguei até aqui sozinha.

RESUMO

ABREU, Ruttyê Silva. OS “GRANDES PEQUENOS” E EU: COMO ME FORMEI PROFESSORA. Orientadora: Prof.^a Dr^a Mairce da Silva Araújo. São Gonçalo: UERJ/FFP, 2014. Monografia. (Graduação em Pedagogia)

A presente monografia tem por objetivo mostrar alguns caminhos e processos formativos, reflexões e experiências adquiridas durante cinco anos de graduação no curso de Pedagogia na Faculdade de Formação de Professores – FFP. Um caminho, um percurso que se inicia em 2009, mas que teve em 2011 um momento diferencial no processo formativo, pois pude participar da Pesquisa Alfabetização, Memória e Formação de Professores: Entrelaçando práticas e saberes no diálogo Universidade e Escola Básica, orientada pela professora pesquisadora Mairce Araújo, nela e a partir dela tive contato com professoras e crianças da Escola Municipal Zulmira M. N. Ribeiro, local onde ensaiei meus primeiros passos sobre a profissão docente. Trago neste trabalho, portanto, alguns momentos marcantes vividos na pesquisa, faculdade e escola, tais momentos vividos através de oficinas pedagógicas de memória, eventos realizados, trabalhos apresentados e reflexões adquiridas através do contato com as professoras da rede municipal de São Gonçalo e, principalmente, com os “grandes pequenos”, as crianças, que tiveram participação importante nesse caminhar, nessa estrada de apreensão de vida e saberes. Apresento neste trabalho alguns interlocutores/as teóricos/as que durante toda minha formação contribuíram significativamente com suas produções sobre as diversas facetas e dificuldades que o magistério apresenta são eles e elas: ARAÚJO (2004), FREIRE(1978), GARCIA(1993), BARROS(2003), SARMENTO(2008), VYGOTSKY(2008), entre outros. Assim, reafirmando a escola como locus privilegiado de circulação e resgate de saberes, histórias e memórias, fui percebendo que o trabalho com o cotidiano escolar, além de inspirar novas práticas de formação docente, complexifica uma tendência a naturalizações sobre o “mundo da escola” ainda tão presente entre nós (ALVES 1998).

Palavras-Chave: Memória, Formação de Professores, Oficinas Pedagógicas, Infância.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1: MEMORIAL – PENSAR A FORMAÇÃO A PARTIR DA MINHA HISTÓRIA E DAS HISTÓRIAS DOS OUTROS.....	13
1.1- Outras lembranças, outros momentos: Mais algumas linguagens	21
1.2- A desigualdade escondida pela diferença: Eu e o outro, as diferenças que a criança não vê	23
1.3- Outra escola, uma nova fase, um novo lugar, um novo sentimento: O de pertencer e gostar de estar na escola e o de querer entrar para a Universidade	29
1.4- A Pesquisa na Universidade e a minha formação: Primeiros passos.....	32
 CAPÍTULO 2: A PESQUISA, AS EXPERIÊNCIAS... ATRAVESSAMENTOS QUE FORMAM.....	34
2.1- A Escola Municipal Prof ^a . Zulmira Mathias Netto Ribeiro: A primeira escola observada a partir de um novo olhar.....	35
2.2- Oficinas Pedagógicas de Memória: Uma escolha de metodologia de trabalho.....	38
2.3- Colcha de Retalhos: Compartilhando, reinventando... Costurando experiências e práticas pedagógicas.....	46
 CAPÍTULO 3: UMA OPORTUNIDADE, UMA PRODUÇÃO... A ESCRITA AUTORA E O TRABALHO COM OS PEQUENOS	50
3.1- Eu, eu mesma e “as Crianças”... Afetamentos	51
3.2- “Eu, eu mesma”... Algumas reflexões provocadas pelos pequenos ...	59
 CAPÍTULO 4: AFETAMENTOS COM O OUTRO E OUTROS: A PROFESSORA QUE DESEJO SER	61
 CONCLUINDO E INCONCLUINDO, SEMPRE PROSSEGUINDO.....	67
 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	71

Três personagens me ajudaram a compor estas memórias.
Quero dar ciência delas.
Uma, a criança; dois, os passarinhos; três os andarilhos.
A criança me deu a semente da palavra.
Os passarinhos me deram desprendimento das coisas da terra.
E os andarilhos, a preciência da natureza de Deus.

Manoel de Barros

INTRODUÇÃO

Uma estrada é deserta por dois motivos: por abandono ou por desprezo. Esta que eu ando nela agora é por abandono. Chega que os espinheiros a estão abafando pelas margens. Esta estrada melhora muito de eu ir sozinho nela. Eu ando por aqui desde pequeno. E sinto que ela bota sentido em mim. Eu acho que ela manja que eu fui para a escola e estou voltando agora para revê-la. Ela não tem indiferença pelo meu passado. Eu sinto mesmo que ela me reconhece agora, tantos anos depois. Eu sinto que ela melhora de eu ir sozinho sobre o seu corpo. (...) BARROS, Manoel. 2008

Dentre vários poemas escritos sobre sua infância deparo-me com este de Manoel de Barros. Caso de amor. O poema fala de uma relação com o passado, fala de um trajeto, um percurso, uma estrada. Inspirada pelos escritos deste poeta penso na minha trajetória escolar como uma estrada percorrida.

Uma estrada que durante este trabalho monográfico senti-me obrigada a revisitar... notei que nela também havia alguns espinheiros cobrindo sua margem, bem como outros trechos desertos, abandonados pelos diversos buracos e que a princípio me pareciam ser impossíveis de reparar. Uma estrada que, à medida que a percorria/escrevia, *passava pelo “meu” corpo*, e curava/reparava trechos abandonados.

É uma estrada que conheço bem e conheço desde pequena. Uma estrada que *“manja que eu fui para a escola e estou voltando agora para revê-la”*... nela passaram muitas pessoas comigo e, às vezes, passei sozinha. Agora voltando para revisita-la pedi auxílio de alguns *reparadores/as*, pesquisadores/as, autores/as que escreveram e escrevem palavras sobre outras estradas. Amparada pela experiência desses viajantes fui caminhando e cuidando dos trechos abandonados.

Logo no início da estrada deparo-me com um trecho cheio dos tais buracos de impossíveis reparos, trata-se da escrita do Memorial de Formação. Uma escrita que voltei ao passado para rever os caminhos percorridos na escola, para rever as lembranças guardadas e muitas tão bem guardadas para que não fosse mais necessário remexê-las. Neste memorial fui revirando meus *“achadouros da infância”*

em busca de compreendê-los e ressignificá-los. Encontrei diversas lembranças agradáveis e desagradáveis e fui aprendendo que o tempo ajuda a compreender o que antes não fora compreendido.

Outros trechos da estrada foram mais agradáveis de percorrer, trechos que continham sentimentos de pertencimento, sonhos, futuro. Trechos que transformaram os sonhos em possibilidades, em realidade.

Essa estrada está repleta do que agora entendo ser minha trajetória de formação. Uma formação que se inicia em Minas Gerais, meu Estado nato, em duas escolas públicas na cidade de Uberaba, na década de 80 e migra para o Estado do Rio de Janeiro, década de 90, na Universidade Pública na cidade de São Gonçalo, uma cidade que me acolheu, me adotou.

Uma trajetória que trata de algumas concepções de infância e dos desafios que os pequenos ainda nos provocam. Que trata dos diversos lugares visitados através da Pesquisa como a Escola Zulmira e trata das diversas pessoas que ajudam a compor tanto a pesquisa, quanto a faculdade e a escola. Professoras da Faculdade, Professoras da Escola, e os *Grandes Pequenos* que fui encontrando enquanto percorria essa estrada.

Uma estrada na qual fui afetada direta e indiretamente por diversas experiências e práticas dos sujeitos das escolas Afetamentos provocados pelas professoras, por funcionários/as e dirigentes da escola, pelos “Grandes Pequenos”. Afetamentos que trago para este trabalho e convido você que o lê a conhecer e percorrer esta estrada comigo, que é viva e que ainda perpetua.

CAPÍTULO 1

MEMORIAL: PENSAR A FORMAÇÃO A PARTIR DA MINHA HISTÓRIA E DAS HISTÓRIAS DOS OUTROS...

*(...) é na narrativa que a memória é levada à linguagem.
Entendo aqui por “narrativa”
toda a arte de contar, narrar, que encontra, nas permutas da
vida quotidiana...
É, pois, ao nível da narrativa
que se exerce primeiro o trabalho de lembrança.
Paul Ricouer, 1996*

Paul Ricouer diz em seu livro “O Perdão Pode Curar” que o ato de narrar pode trazer alívio e perdão. Aprendo com o autor que pela narrativa a memória é levada à linguagem e que o ato de contar dissabores pode servir como bálsamo para as feridas. Pude perceber isso na construção desse texto.

Refletindo sobre os escritos de Ricouer, começo minha narrativa e o meu contar. Narrando e imaginando-me em diálogo com um/uma leitor/a *exerço o trabalho de tecer minhas lembranças*. Neste movimento busco olhar para dentro de mim... Sei que “olhar para dentro de mim” é uma imagem simbólica, porém, o sentimento que tais lembranças me remetem ao escrever este memorial é real.

Que pretende essa escrita? As lembranças? Os relatos?

Ao tecer esta narrativa, a escrita por vezes me parece desordenada. As lembranças não estão organizadas e não chegam ordenadas. Cada fato lembrado puxa por outro e outro... e assim procuro por significados, por lembranças que digam parte do que sou, do que fui. Que falem desta que me tornei. Das minhas origens sei tanto e quase nada, do meu estado Minas Gerais, sei pouco. Da minha família: irmãos, pai e mãe, sei muito, mas esse muito também é pouco porque cada história é uma visão e lembrança minha com o outro nos espaços onde que passei, e por isso, por ser uma visão, uma memória minha, não abarca, nem poderia abarcar, o todo e a complexidade que nos envolve. Será sempre uma versão parcial, a minha parte lembrada, o meu narrar.

Este rearranjo do passado, [*Voltar, reencontrar as pessoas, agentes presentes no fato vivido e assim reordenar a lembrança.*] consistindo em contá-lo a outro e do ponto de vista do outro, assume uma importância decisiva, quando se trata dos acontecimentos fundadores da História e da memória comuns. É a este nível que a compulsão de repetição oferece a maior resistência; é a este nível também que existe o mais difícil trabalho de lembrança. (RICOUER, 1996, p).

Ricoeur sugere que as pessoas presentes em nossas lembranças poderiam ajudar na narrativa, pois um fato vivido e lembrado por muitos, pode trazer mais detalhes, completando lacunas que a memória individual vai deixando. Aquilo que vale para a memória individual vale para a memória coletiva, como também para a História dos historiadores.

Esta acção retroactiva, do olhar intencional do futuro sobre a apreensão do passado, encontra então um apoio crítico no esforço por contar de outra maneira e do ponto de vista do outro os acontecimentos fundadores da experiência pessoal ou comunitária. O que vale efectivamente para a memória pessoal vale também para a memória partilhada e, acrescentaria, igualmente para a História escrita pelos historiadores. (RICOUER, 1996)

Reflito e decido abandonar o caminho que o autor propõe e sigo adiante. Penso que é difícil contar do ponto de vista do outro, além de neste momento devido à distância e ao tempo passado, não conseguir reencontrar as pessoas que surgiram nesta narrativa e assim, completar através delas a versão sobre os fatos aqui neste texto lembrados. Pretendo ser fiel às minhas lembranças (se podemos falar em fidelidade nesse caso) e assim questiono:

O quanto sei? Sobre o que sei? Do que me lembro?

Há pouco tempo entrei em contato com a pessoa que minha mãe diz ter inspirado meu nome, o curioso é que depois de anos perguntei se ela sabia o significado do nosso nome e ela me disse: *“Xará, eu sei que todos os nomes possuem um significado, mas o do nosso você sabe que eu não sei? Minha mãe me deu este nome, ela o inventou!”*.

Se as memórias podem ser inventadas, como diz Manoel de Barros, descubro que também os nomes o são. E que, portanto, sem um pré-significado que fosse anunciado pelo nome - como acontece em algumas tradições africanas, por exemplo, nas quais o nome tem um grande poder na definição da história de cada

um - construo minha trajetória como única que sou. Contudo, tenho a certeza que a japonesa que migrou para Minas Gerais, cujo nome serviu de inspiração para minha mãe, é também parte de mim.

Sou filha caçula de seis irmãos. Nossa mãe é hoje costureira de profissão e nosso pai foi lavrador e carpinteiro. Em Minas Gerais nomeia-se “Pau de arara” para a profissão daqueles que trabalham com o corte de cana-de-açúcar. É uma profissão muito sofrida, pois além da foligem da cana queimada é preciso cortar quilos e quilos para ganhar míseros centavos ao dia.

Meu pai era semianalfabeto, um homem simples que dirigia automóvel, assinava, votava e nunca se enrolava com relação ao dinheiro. Sabia a matemática necessária ao dia a dia. Minha mãe, também uma pessoa simples, mas escolarizada, foi professora das escolas das redondezas enquanto morou nas fazendas e terras da família. Ensinava e alfabetizava as crianças da redondeza, incluindo seus irmãos, meus tios. Dedicava-se a uma escola rural, onde a sala era multisseriada. Com o passar do tempo e a vinda dos filhos foi obrigada a deixar a profissão, pois não era possível acompanhar o marido e os filhos e ainda lecionar. Na época em que nasci minha mãe também ensinava, mas o objetivo já era outro, ensinava corte e costura. Tornara-se costureira.

Garantir a escola aos filhos era parte importante da educação. Este era um desejo da família, um caminho na busca de oferecer um futuro melhor para a nova geração.

Entre escola e trabalho todos os irmãos tiveram uma formação tardia. Fora a irmã mais velha que conseguiu formar em Administração aos 20 e poucos anos, todos os demais concluíram o 2º grau e anos depois, entre 30 e 40 anos de idade, estudaram e/ou ainda cursam o ensino superior. Assim dos irmãos, temos hoje: uma formada em administração, um em odontologia, uma em direito, um cursando engenharia elétrica e eu, graduanda em Pedagogia.

Na década de 70/80 as escolas da rede estadual ofereciam na minha cidade como formação do segundo grau alguns cursos profissionalizantes: Contabilidade, Economia doméstica e Formação Geral. A cidade possuía ainda uma escola de Química e Eletrônica onde os alunos tinham mais uma opção e pediam transferência após a conclusão do 1º grau. Dois dos meus irmãos fizeram esta escolha, um deles se formou em química e o outro em eletrônica.

Durante uma disciplina de Educação Popular no curso de Pedagogia, aprendi que os filhos das famílias das classes populares mal concluíram o ensino fundamental, e que apenas 1% da população brasileira possui o 3º grau de ensino – a graduação. Na minha turma, muitas eram as primeiras da família a concluírem o ensino superior. Naquele momento pude perceber o quanto eu e meus irmãos somos exceção.

Os dados informados pela professora me chocaram e ainda chocam, mostram a disparidade entre famílias e classes sociais, e que sou parte de um grupo que apesar de todo sacrifício está em um nível de escolaridade que grande parte do Brasil não atingiu.

As lembranças são muitas, diversas, mas este memorial trata daquelas vividas no âmbito escolar.

Volto no tempo para o momento em que deixo de ser *apenas* um sujeito individual, uma criança e comecei a fazer parte de um cadastro, uma turma de alunos/as. O encontro com tantas outras crianças fazia-me sentir parte de algo maior. Além do registro de nascimento, tornava-me naquele momento aluna da Escola Estadual Rotary, uma escola fundada em 1961 situada no bairro Leblon, cidade de Uberaba / Minas Gerais, lugar em que morei desde o nascimento até os 18 anos.

Um fato curioso sobre a escola é o seu nome, explico: O prédio da escola foi construído pelo grupo Rotary Clube de Uberaba, em 1959. O Rotary é um clube de associados que está espalhado por todo o mundo, voltado para ações comunitárias éticas e profissionais com arrecadação de fundos e implantação de projetos sociais entre outros. Em 1961 a obra foi doada ao Estado de Minas Gerais por isso ela se chama Escola Estadual Rotary.

Foi a primeira escola do bairro durante muitas décadas, possuía e possui um excelente espaço e uma construção de qualidade. Salas amplas arejadas, dois pátios para brincadeiras, quadra, árvores e gramado compunham e completavam o quadro panorâmico da escola. Até final dos anos 90 possuía apenas o 1º ciclo do Ensino Fundamental, todas as famílias queriam que os filhos estudassem ali, mas a escola oferecia suas vagas, primordialmente, para as crianças das famílias do bairro.

Conta minha mãe que a procura pela escola era grande e muitas mães que vinham dos bairros adjacentes não conseguiam vaga para seus filhos, porém as famílias nunca associaram o nome à qualidade da escola. Ninguém procurava a escola por levar o nome Rotary e sim, procuravam por ser a única do bairro e ser da rede pública estadual. Gosto de pensar sobre as referências das escolas públicas naquele tempo, era a única opção das famílias, mas era também uma virtude ter uma escola grande e estadual ali tão perto, no bairro onde morávamos.

Crescendo no seio da minha família, naquele bairro, naquela primeira escola e na segunda que veio... fui me constituindo criança/aluna/cidadã.

Presenteada por minha orientadora e inspirada pelo poema abaixo, penso na minha história/trajetória... penso em todas as demais crianças que tive e tenho tido contato através da sala de aula, através da escola, através da minha formação.

Nos versos de Loris Malaguzzi percebo as multiplicidades da criança, suas potencialidades e pluralidades, e suas ações multifacetadas.

As Cem Linguagens da Criança

Loris Malaguzzi

*A criança é feita de cem.
A criança tem
uma centena de línguas
cem mãos
uma centena de pensamentos
uma centena de maneiras de pensar
de brincar, de falar.*

*Uma centena. Sempre de uma centena de
modos de escutar
de admiração, de amar
cem alegrias
para cantar e compreender
cem mundos
para descobrir
cem mundos
para inventar
cem mundos
para sonhar.*

*A criança tem
uma centena de línguas
(E um cem cem cem mais)
mas eles roubam 99.
A escola e a cultura*

*Separam a cabeça do corpo.
Dizem-lhe:
de pensar sem as mãos
fazer sem a cabeça
para ouvir e não falar
de compreender sem alegria
de amar e de maravilhar-se
só na Páscoa e no Natal.*

*Dizem-lhe:
para descobrir o mundo já está lá
e do cem
eles roubam 99.*

*Dizem-lhe:
que trabalho e lazer
realidade e fantasia
ciência e imaginação
o céu e a terra
razão e sonho
são coisas
que não pertencem juntos.*

*E assim eles dizem que a criança
que o cem não existe.
A criança diz:
De jeito nenhum. O cem é lá.*

Dialogando com as cem linguagens da criança, versejada por Malaguzzi,
vou trazendo outras lembranças da infância.

Assim começa minha trajetória escolar...

*A criança tem
uma centena de línguas
(E um cem cem cem mais)
mas eles roubam 99.
A escola e a cultura
Separam a cabeça do corpo.
Dizem-lhe:
de pensar sem as mãos
fazer sem a cabeça
para ouvir e não falar
de compreender sem alegria(...)*

Ao escrever estas lembranças fecho os olhos e sinto o cheiro da sala: Uma mistura de cheiro de madeira, de poeira, de folhas novas, de caderno novo... de leite azedo que a tampa da minha garrafinha tinha, de sorrisos tímidos, de gargalhadas... Eu gostava de estar ali, de estar com meus pares, de olhar o ambiente e verificar que muitas crianças estavam comigo no mesmo lugar...

O ano era 1985 e a série: pré-primário, o que acredito corresponder hoje à classe de alfabetização. Lembro-me de que minha turma ficava alojada na parte antiga da escola, um bloco pouco afastado da construção mais nova. Ali ficavam os pequenos que apenas no momento do recreio compartilhavam do pátio maior com as demais crianças. Em um dado momento, entra uma secretária na sala e faz a seguinte pergunta: *“Olá crianças! Teremos uma nova sala com outra professora, a tia Nanci! Quem gostaria de ir para a outra sala?”* A pergunta foi feita de uma forma convidativa, como se na outra sala existisse um presente aguardando por mim. Aceitei. Levantei meu braço e fui com várias outras crianças para a turma ao lado.

A escola precisava dividir a turma do pré, eis que surge a solução: Vamos dispor a questão de forma que as crianças sintam que “elas” é que fazem a escolha e assim, um adulto vai até a sala e faz o convite de forma atrativa. Lembro-me que pela primeira vez senti que tinha voz, seria aquilo mesmo? Diferente do meu lar, agora eu poderia fazer minhas escolhas?

Ora, não foi bem assim...

Na sala de aula nos primeiros dias ainda sentávamos aos pares nas carteiras de dois lugares, lado a lado. Logo em seguida, como em um passe de mágica, as carteiras foram trocadas e enfileiradas, nós as crianças, passamos a sentar uma atrás da outra. Conto desta forma, pois quando criança não percebia ao certo a partir de qual momento a organização da sala fora mudada, mas senti o estranhamento, pois sentar com outra criança proporcionava um conforto, um sentimento de que não estava sozinha. Alguns meses provavelmente se passaram... Colocar as crianças enfileiradas, uma atrás da outra, “cada uma em seu quadrado”, como diz a expressão popular, assinalava um rompimento, era um rito de passagem: acabara a brincadeira do pré-primário, entrávamos no primário. A partir daquele momento novas responsabilidades nos aguardavam, novas formas de se comportar e pensar eram anunciadas.

Por certo, principalmente para minha turma de alfabetização, manter as crianças sentadas aos pares traria uma dificuldade quanto à disciplina. A aproximação com outra criança favorece o diálogo em diversos momentos, muitos talvez, inoportunos para a professora. Favorece brincadeiras, trocas de lápis, borrachas e outros materiais que podem ser misturados e, por conseguinte muitas

mães reclamariam depois. Sentar aos pares foi uma forma utilizada apenas no começo das aulas, apenas para evitar um desconforto e muitos choros.

Letras do alfabeto ficavam penduradas acima do quadro de giz. Muitas crianças, uma única professora. Por ser sempre a maior das meninas em estatura, ocupava as últimas carteiras e também era a última na fila de formação. Beliscões e puxões de cabelo aconteciam comigo. De nada adiantava chorar e reclamar, descobri isso tardiamente. Embora muito crescida fisicamente para a minha idade, afetiva e intelectualmente identificava-me com as crianças menores que eu. Eu não era precoce do ponto de vista emocional ou intelectual, como o era na estatura... Talvez por isso nunca tenha conseguido me impor ou assumir uma atitude conciliatória (quem sabe esperada pelos outros em função de minha altura) mediando as brigas quando as crianças batiam umas nas outras, sendo maior poderia defender as menores ou mais frágeis, mas isso não acontecia, não era assim que me sentia.

As palavras de Manuel Jacinto Sarmiento ajudam-me hoje a compreender melhor as lembranças da infância. Sua defesa, quase militância, dentro dos estudos sociológicos, por uma atenção especial para a infância, que compreendendo-a como um fenômeno social, contribua para desinvisibilizá-la, é confortante para mim.

(...) interessa-nos reforçar a ideia de uma renovação contemporânea dos estudos sociológicos da infância que, não obstante, caminha lado a lado com um efeito de invisibilização das crianças como atores sociais, efeito este que ainda permanece no domínio do que poderíamos designar khuntianamente como a “ciência normal”. (SARMENTO, 2008, p.18)

Se existe hoje uma renovação nos estudos sociológicos sobre a infância, onde estaria, então, a invisibilidade da infância, denunciada por Sarmiento (idem)? É o próprio autor que esclarece (...) *as crianças são “invisíveis” porque não são consideradas como seres sociais de pleno direito. Não existem porque não estão lá: no discurso social.* (SARMENTO, 2008, p.19)

Embora a Infância não seja tema ausente dos estudos, apenas a partir do século XX começa a ser considerada como categoria social. Os escritos de Sarmiento me ensinam que não eram apenas meus os sentimentos de desconforto e/ou de felicidade vividos na escola. Outras crianças partilharam desses sentimentos comigo, naquele momento. Outras continuam a vivê-los, não apenas naquela escola como também em outras tantas. Os cenários se repetem. Ir para a escola é um

marco na vida da criança. Experiências positivas e negativas acontecem a todo momento. Vejo nesse marco uma etapa fundamental para que a criança amplie a compreensão de mundo que traz de seu grupo social, bem como a sobre o papel do outro para e na sua vida.

(...) a Sociologia da Infância desenvolve-se contemporaneamente, em boa parte, por necessidade de compreensão do que é um dos mais importantes paradoxos atuais: nunca como hoje as crianças foram objeto de tantos cuidados e atenções e nunca como hoje a infância se apresentou como a geração onde se acumulam exponencialmente os indicadores de exclusão e sofrimento. (SARMENTO, 2008,p.18)

1.1 Outras lembranças, outros momentos: Mais algumas linguagens...



Fotografia 1 - Arquivo Pessoal, formatura do Pré-Primário (Alfabetização)

*(...) Uma centena.
Sempre de uma centena de
modos de escutar
de admiração, de amar
cem alegrias
para cantar e compreender
cem mundos
para descobrir
cem mundos
para inventar
cem mundos
para sonhar.*

Muitas histórias aconteceram. A imagem da formatura do pré-primário remete não só as minhas experiências pessoais, mas a todo um contexto de época e a um projeto de escola. Todos os olhares das pessoas presentes na fotografia estão voltados para a criança que está sendo fotografada, o diploma recebido é destacado por sua posição perto do peito, a seriedade em meu rosto, como também dos demais que aparecem na foto, são elementos que trazem indícios da solenidade daquele momento.

Outro momento do cotidiano não tão solene, que me trazia muita alegria era o do recreio ou a hora da merenda. Lembro-me de um garoto que ficava me olhando e

que não fora comigo para a outra turma, talvez por não ter sentido a mesma sedução no convite da secretária. O mais interessante dessa lembrança é que durante a formação para irmos ao recreio, ou voltarmos para a sala um momento muito especial e íntimo acontecia: Ele fugia da fila e vinha correndo em minha direção, parava, sorria e me surpreendia ao me dar uma folha dobrada, mas não a entregava de forma simples, ele a empurrava sobre o meu peito e voltava para a fila com receio, é claro, de ser repreendido pela professora. Assim que eu recebia, abria o valioso bilhete contendo um desenho e outros sinais que eu percebia como uma escrita. Olhando para trás, indago: Seria uma assinatura?

Querendo retribuir o gesto, também eu produzia o meu desenho e o entregava quando as filas iam lado a lado para a merenda, mas o meu bilhete de resposta continha apenas um desenho, pois *ainda não sabia escrever*. Lembro-me de me esforçar para fazer algo diferente pra ele, mas por mais que tentasse ainda não tinha o domínio da escrita. Possivelmente o que eu *escrevia* com os poucos recursos que tinha naquele momento não fazia sentido nenhum para ele. Digo isso, pois aos poucos ele acabou se desinteressando pelas cartinhas, eu percebia que quando ele abria o meu papel fazia uma expressão do tipo: *Ah! Só isso?*

Acredito que vencidos pela timidez de uma aproximação pelo diálogo ou por que os desenhos se repetiam, ou mesmo por já ter conseguido seu objetivo de se aproximar de mim, ele acabou desistindo de me mandar as tais cartinhas, pois passamos a brincar de correr e fugir durante o recreio. Eu fugia e ele me perseguia. Foi um primeiro amor, daqueles intensos e puros. Assim, esta primeira experiência amorosa, buscando outras formas de comunicação para além da palavra oral e das brincadeiras, me instigava a pensar sobre a linguagem gráfica, tanto através do desenho, quanto da escrita.

A imagem de uma criança lutando para se comunicar com o outro a partir das garatujas e do desenho, doando-se inteiramente na sua produção, inspirada pelo desafio do momento importante vivenciado, ainda pulsa em mim.

E desde então me indago: Será que minha sensibilidade para perceber as produções infantis vem dessa primeira experiência com o desenho?

Observo hoje as crianças envolvidas em suas atividades: o esmero, o carinho e o detalhamento que revelam desde o primeiro traço ou o primeiro rabisco, seja num pequeno pedaço de papel ou em outro suporte, às vezes mais sofisticado.

Parecem saber exatamente o que dizer, como dizer, o que revelar. Parecem determinadas, revelam uma intencionalidade. Querem presentear, surpreender, às vezes, denunciar, reclamar, ou seja, experimentam múltiplas linguagens. Não se prendem apenas à linguagem oral. Vez em quando sou presenteada com um desenho, dentro ou fora da escola. Em geral percebo que o momento em que a criança entrega sua produção é especial para ela, seus olhos brilham e, na maioria das vezes, carregam um sorriso travesso. Imagino que, nesta hora minha expressão também seja de admiração e sorriso, pois me sinto presenteada.

Reflito que na escola nem sempre a professora acolhe com o carinho e atenção que a criança espera suas produções, sejam elas pequenos bilhetes, cartas de declaração de amor, desenhos, pequenos mimos etc. Tal desatenção, tantas vezes provocadas pela voracidade do dia a dia, pode causar grande desapontamento para a criança. E pergunto, será que em minha prática futura como professora, após concluir o Curso de Pedagogia, inúmeras vezes, tão tensionada pelas demandas do cotidiano, estarei sempre atenta a esses pequenos gestos?

1.2 A desigualdade escondida pela diferença: Eu e o outro, as diferenças que a criança não vê

*(...) Dizem-lhe:
para descobrir o mundo
já está lá e
do cem eles
roubam 99.*

Abrindo o baú dos desapontamentos, revejo pela memória que em cada sala da escola havia armários de alvenaria e portas de madeira que ficavam abaixo das janelas, compondo um balcão de todo um lado da sala. Os armários utilizados pela professora ficavam trancados a cadeado e em todo começo de ano a cena se repetia: as mães entregavam o material escolar, solicitado previamente, direto nas mãos da professora que, em seguida, escrevia o nome de cada criança. Caixas de lápis coloridos ficavam de posse do aluno, bem como o giz de cera. Os demais materiais como folhas coloridas, papéis de variadas texturas, cartolinas, tintas... iam

para o armário devidamente etiquetados com o nome da criança. Aquele primeiro ato, o de nomear cada maço de papéis e cada material, me dizia que não teria direito àquele material.

Durante a execução dos trabalhos vez ou outra, quando sobrava ou quando uma criança faltava, eu recebia uma folha colorida. Eu não tinha prioridade, pois ao entregar o material da lista no começo do ano, não tínhamos condições de entregar toda a lista, os materiais mais caros e que não eram de primeira necessidade ficavam de fora.

Assim sendo, o uso dos materiais escolares naquela escola, que era pública, não diferente de outras escolas também públicas, revelava um “currículo oculto” traduzido no ensino e aprendizagem de valores que subliminarmente iam sendo apresentados às crianças.

Garcia explica:

(...) a escola estimula, desde a educação infantil, o individualismo, a competição e o consumismo. As crianças têm materiais de uso individual, formam uma atrás da outra, são grupadas em “melhores” e “fracas”, para em seguida, serem reagrupadas em “maturas” e “imaturas”(...) (GARCIA, 1993, p.13)

Além da questão ideológica, outras questões se atravessam na cobrança dos materiais escolares.

No Brasil, a escola é pública, gratuita e obrigatória para o ensino fundamental. Exigir dos pais a compra de materiais, de uniformes, alimentação ou contribuições para a manutenção dos equipamentos escolares, não é uma forma de repassar a eles uma responsabilidade que seria do estado?

A competitividade e o individualismo como valores desde os primeiros momentos da vida escolar. Pensar na construção de uma sociedade mais igualitária também requer rediscutir o uso dos materiais escolares. Que os materiais escolares sejam de todos, que deverão deles fazer o melhor uso, cuidando para que não aja desperdício, pois é o próprio público que os financia. Ninguém deveria se destacar por possuir materiais melhores e/ou mais sofisticados. As lições aprendidas nesse caso seriam sobre partilha, solidariedade e colaboração:

(...) Uma escola comprometida com o projeto de classe trabalhadora estimularia os valores da coletividade, da solidariedade, da cooperação, além de criar metodologias que incorporem a redefinição de materiais e o uso de materiais, não como fim, mas como meio para realizar projetos coletivos das crianças, ou propostos pela professora. (GARCIA, 1993, p.14)

Sobre toda essa primeira etapa escolar, concluo que para mim foi um tanto solitária. Quando criança gostava de estar na escola, mas sofria, pois apesar do meu esforço sentia que não era bem aceita. Não tinha “amiguinhas” e não andava em grupos como as demais crianças. Desde o momento da partilha de materiais caros como os lápis coloridos, de papéis de diferentes texturas para os trabalhos, das canetinhas coloridas, giz de cera... materiais que na minha época não eram de acesso a todos, na partilha da merenda, na partilha do recreio e da própria sala de aula.

Por ser uma escola pública, seu público era constituído por crianças de várias classes sociais. Diferenças que se tornavam evidentes nos materiais escolares, como, por exemplo, nas mochilas, tênis, lancheiras novas a cada início de ano escolar. Enquanto as crianças de melhores condições financeiras renovavam seus artefatos escolares a cada ano, para outras crianças como eu, a lógica era do reaproveitamento de materiais de um ano para o outro, como é característico das classes populares.

Tais materiais, apesar de serem apenas acessórios, pareciam produzir a subjetividade de cada criança, o ter determinando o ser. Marcava a condições de cada família, embora para muitas crianças, entre nós, não fazia a menor diferença.

Na relação com o adulto, principalmente com a professora, algo acontecia... Era como sentir que quando o outro se aproximava ou tratava comigo, uma nuvem transparente formava uma barreira sólida que impedia o toque de carinho, o elogio e a nuvem sólida me separava, me destacava, me classificava. Quando pequena percebia, mas não entendia esses tratamentos e, o mais grave, que acontecia comigo e, possivelmente, continue a acontecer com tantas outras crianças discriminadas nas escolas, seja por que motivo for: raça, religião, características físicas ou outras diferenças, a tendência é trazer para si o peso de uma falsa inaptidão, assumir a diferença como defeito e, por conseguinte, como justificativa para a desigualdade.

(...) Dizem-lhe:
 que trabalho e lazer
 realidade e fantasia
 ciência e imaginação
 o céu e a terra
 razão e sonho
 são coisas
 que não pertencem juntos.

A lembrança que conto a seguir é da 4ª série do ensino fundamental, ainda na Escola Estadual Rotary. Em nossa casa nada era jogado fora e tudo se reaproveitava. Naquele ano, um caderno foi reaproveitado. Era um caderno de tamanho pequeno, do tipo “brochurão” com 100 folhas me lembro bem, e que devido ao final da série anterior fora utilizado apenas umas 20 folhas. Ora, seria um desperdício não aproveitá-lo.

Mamãe pega a tesoura e recorta com cuidado as folhas utilizadas a fim de deixar um pedacinho no canto para que as demais detrás não soltassem. Levo o caderno para minha aula e os dias correm. Até que em uma das aulas a professora pede todos os cadernos para colar os trabalhos e avisos, assisto a tudo observando a vez do meu caderno chegar. E para minha triste surpresa observo ela erguer o caderno no alto e com palavras de indignação rasga-o, na tentativa de arrancar apenas as folhas detrás e aquele curto pedacinho que com certeza a incomodou.

O resultado veio a seguir para as minhas mãos, um caderno molhado de cola, todo “desmantelado” que na minha concepção de criança ficara pior do que a ação de minha mãe.

Revivo os sentimentos daquela criança que na época só soube chorar, triste e envergonhada. E penso no gesto da professora a quem eu admirava e referenciava.

Qual o modelo de caderno esperado pela professora? Por que se sentiu tão afrontada diante de um caderno que não seguia o modelo esperado? Será que ela percebeu que era um caderno reaproveitado do ano anterior? Ou simplesmente achou que eu era *desleixada* e havia arrancado as folhas iniciais do caderno até por rebeldia?

Questões que me faço hoje ao olhar para trás e rememorar o vivido. Questões que nos remetem as concepções e imagens congeladas que continuam

presentes na escola. Os bons alunos e as boas alunas são aqueles e aquelas que trazem para a escola todo o material solicitado no início do ano; o bom aluno e a boa aluna obedecem sem questionar; por trás do bom aluno e da boa aluna existe uma família que providencia cadernos novos no começo do ano. Caberá ao aluno e a aluna mantê-lo limpo, com a letra cursiva bem desenhada, dentro dos padrões estabelecidos pela escola...

Possivelmente o meu caderno era uma síntese ao contrário do modelo esperado, modelo que buscava homogeneizar, uniformizar, padronizar sujeitos, corpos e pensamentos.

Um caderno reaproveitado, lápis quebrados, falta de borrachas, uniformes desgastados e desbotados são característicos de famílias e alunos/as descuidados/as, desleixados/as? Ou simplesmente revelam as condições econômicas das famílias e das crianças pobres, denunciando uma diferença que muitas vezes não cabe no modelo idealizado de aluno/a com o qual a escola?

Em minhas lembranças o caderno reaproveitado, o lápis pequeno com desgaste, a borracha, os materiais escolares estavam impregnados de afetividade e de investimento que minha família empenhava para garantir a escolaridade de seus filhos e filhas. Tais objetos marcavam minha identidade, através do registro do meu nome. Será que o outro percebe esse sentido como eu? Será o sacrifício da família por manter a criança na escola o valor maior que carrego sobre o ensino até hoje? Creio ser sim a resposta.

A experiência com o material escolar, vivida por mim, mostrava que a relação professora-aluna é atravessada por muitas questões, algumas até aparentemente pequenas, porém que expressam os vários obstáculos que as crianças e as famílias das classes populares enfrentam na tentativa de garantir seu direito à educação pública e gratuita. Criança pobre tem direito ao ensino público, mas esse lugar parece não ser dela, não se sente inserida.

Na entrevista publicada nos periódicos do Proped (Revista Teias) *“Provocações para pensar em uma educação outra... conversa com Carlos Skliar”* o entrevistado nos convida a conhecer sua trajetória como professor em diversos espaços escolares como creches, escola básica (aqui no Brasil e na sua terra natal, Argentina) e Universidades. O que mais se destacou para mim em sua narrativa foi a discussão sobre a importância do/da professor/a refletir sobre a psicologia e a

didática que permeiam sua prática cotidiana. O autor aponta também a importância da escuta para o processo pedagógico. Escutar para conversar. Um/a professor/a



Fotografia 2 - Arquivo Pessoal, foto com beca.

que escuta e reflete sobre sua prática identifica os gestos que fazem a diferença na sua forma de ensinar..., o que ele chama de “gestos mínimos”.

Compreendo com Skliar que as lembranças que trazemos sobre nossa passagem escolar está marcada por pequenos gestos, pequenas ações que fixam um momento vivido no âmbito escolar.

(...) Mas, quando começamos a conversar com pessoas que viveram experiências institucionais em educação, as lembranças são de pequenos gestos. Não sei se é uma questão da memória, mas você sabe muito bem que só se aprende quando a memória toma a decisão de com o que ficar e de com o que não ficar. Portanto, me parece muito interessante pensar que, ao lembrar a educação, o que se lembra é o pequeno gesto. Aquele professor que um dia... Aquele palavra... (SKLIAR, 2012, p.325)

Gostaria de aqui, nesta minha narrativa ampliar esse conceito de “gestos mínimos” para os outros gestos que, de forma contrária, ao que Skliar (idem) propõe (gestos que fazem a diferença positivamente) também marcam e deixam registrados na memória da criança momentos escolares de grande dificuldade. Rasgar o meu caderno foi um gesto mínimo da professora.

O que dizer de “gestos mínimos” como esses que marcam nossa infância e, muitas vezes, se tornam parte significativa na construção de concepções sobre a escola, mundo, sociedade? Será que a ideia de infância cantada em verso e prosa como época de ouro, fase da vida repleta de alegrias, brincadeiras, de pureza... permanece intacta diante de tais gestos?

Não quero dizer, contudo, que a ideia de pensarmos sobre os gestos mínimos, as pequenas ações que marcam nossas experiências de formação, no cotidiano da escola, não se constituam como ideias potentes para pensarmos a prática pedagógica. Meu alerta é para que pensemos também tais gestos mínimos na contramão.

(...) É preciso lembrar todo o tempo de experiências, do seu passado ou do passado dos outros; ter à disposição muitos exemplos de gestos mínimos para saber provar, para experimentar... Para saber o que seria responder com gestos mínimos a uma situação emergencial... (SKLIAR, 2012, p.325)

Ainda dialogando com Skliar entendo que os “gestos mínimos” lembrados e trazidos para este texto me ajudaram a experimentar a escola em suas dores e delícias. E assim pensando nas pequenas ações que fizeram diferença na primeira etapa de minha escolaridade que termino a breve seleção de alguns episódios marcantes de minha infância.

Seleciono outro “gesto mínimo”, que afinado com a proposição de Skliar (idem) é daqueles que nos potencializam e nos ajudam a seguir adiante: a lembrança do encontro com minha avó no portão de saída da escola.

O sinal tocava, a algazarra de ir embora começava e lá estava ela, parada próximo ao portão de saída com uma caixa de isopor e uma “sombriinha” que a protegia do sol. Vendia os famosos xup-xup, aqui pela redondeza esse geladinho é conhecido como sacolé. Minha alegria era aproximar, tomar a bênção e ver a caixa de isopor ser aberta pelas mãos de minha avó que dizia: *“Olha, a vó tem de todos os sabores, pode escolher! Tem também aquele que você mais gosta...”* O xup-xup escolhido era o de abacate. Uma mistura de leite, açúcar e abacate batido e gelado que alegrava a minha volta para casa. Naquele momento, eu era diferente das demais crianças, me sentia privilegiada, pois todos os dias, ganhava o que as mães tinham que comprar. E melhor o meu sabor preferido, que às vezes era o último, mas estava reservado para mim. Assim, não importava o que havia acontecido, com aquele carinho de vó que eu recebia, o dia tinha valido a pena.

1.3 Outra escola uma nova fase, um novo lugar, um novo sentimento: O de pertencer e gostar de estar na escola e o de querer entrar para a Universidade.

*A criança é feita de cem.
A criança tem
uma centena de línguas
cem mãos
uma centena de pensamentos
uma centena de maneiras de pensar
de brincar, de falar (...)*

Chegar ao ginásio, 5ª série, representava terminar um ciclo, uma etapa da vida. Naquele momento passava a ser aluna da Escola Estadual Nossa Senhora D'Abadia, padroeira de minha cidade natal. Logo nas primeiras aulas, uma das professoras avisa: *“De agora em diante, vocês não tem mais tias e sim pro-fes-so-ras! Nós somos professoras de vocês.”* Um aviso, uma frase. O chamar de tia sempre remete um carinho para a criança, mas na minha concepção esse carinho era apenas do imaginário, ele não ocorria no mundo real.

Lembro-me de um dos diversos textos que lemos na graduação de Paulo Freire, “Professora sim, tia não” ele traz a complexidade que o chamar de “tia” provoca socialmente em nossa profissão. Quem é a tia nas famílias brasileiras? É irmã do pai ou da mãe, mas não é a mãe muito menos o pai. Não ocupa familiarmente o lugar daqueles que são responsáveis pela criança, não é a que educa, não é a primeira a ser chamada pela criança quando algo de ruim ou bom acontece. A tia é simplesmente a tia. Ser tia na escola implica em muito mais do que se imagina, implica na desvalorização profissional e salarial.

Ainda hoje os pequenos na educação infantil chamam a professora de tia. A criança sabe que aquela pessoa é sua professora, mas a chama de tia. Para mim o rompimento sobre a questão do nomear as professoras de tia não tinha a menor importância. A atribuição de carinho ficou apenas ao nome, pois as PROFESSORAS que tive no ginásio e ensino médio foram as melhores TIAS que tive, naqueles dias.

O Colégio D'Abadia como o chamávamos, era conhecido pelos troféus ganhos em campeonatos estudantis intercolégiais de *handbool* e futsal. Estes artefatos estavam distribuídos em espaços comuns de forma que os estudantes pudessem admirá-los e visualizá-los. Assim, descobri um esporte que veio se tornar e transformar minha vida escolar. Entrei para a liga estudantil de *handbool*, como ponta esquerda e em seguida armadora (atacante).

Muitos campeonatos, muitas medalhas e troféus. Essa condição de atleta que carrega o nome da escola trouxe sentidos e o prazer de pertencimento. Joguei até o 3º ano do 2º grau da formação geral.

A escola, além deste curso, oferecia o curso de contabilidade no turno noturno para aqueles que quisessem adquirir uma profissão para o mercado de

trabalho. Fiz a minha escolha e ao término do 2º grau percebi que tinha 17 anos e nenhuma profissão. Mamãe não interferia em nossas escolhas, mas eu ansiava por trabalhar. Nessa época nosso pai tinha falecido e ficamos três filhos em casa com minha mãe.

Trago essas memórias para explicar o fato de ter vindo para o estado do Rio de Janeiro, cidade de São Gonçalo morar com minha irmã casada. O ano 1997, muitos sonhos e muito trabalho me aguardavam. Fui balconista, caixa, até trabalhar no Catete, bairro do Rio de Janeiro em uma empresa que capacitava todos que nela trabalhavam. Ali, além de aprender os ofícios da área de estética, aprendi os serviços contábeis. Caso-me e o sonho de ir mais além não cessa. Chega então uma oportunidade na mesma empresa, mas em outra franquia. Nela eu seria representante de uma linha capilar e ministraria algumas palestras nos diversos estabelecimentos do “Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial” (SENAC) do município do Rio de Janeiro. Surge então um sentimento pela sala de aula, um gostar...

Minha família, a não ser a primogênita, concluiu a Graduação um tanto tardiamente, todos por volta dos 30 anos de idade. Eis que minha irmã insiste para que eu faça o vestibular de 2009 da Universidade do Estado do Rio de Janeiro/ UERJ. O curso que mais me identificava? Pedagogia.

Após perder o primeiro exame de classificação da primeira fase do vestibular, minha irmã faz a minha matrícula e paga o exame sem que eu saiba me avisando depois. Faço a prova e para minha surpresa sou aprovada para a segunda fase. Entro para o curso com o 19º lugar, motivo de muito orgulho para minha irmã, visto que durante a minha estadia, casamento e trabalho nesta cidade que me adotou, eu pouco pude estudar.

E assim chego à Universidade do Estado do Rio de Janeiro / UERJ. Mais precisamente à Faculdade de Formação de Professores (FFP) situada no município de São Gonçalo, no curso de Pedagogia. Nesta etapa morava em Itaboraí e trabalhava numa distribuidora de material elétrico recebo a notícia de ter passado no vestibular e preciso fazer no mínimo de três disciplinas para não perder a matrícula. Em uma das primeiras aulas ouço uma frase marcante que se torna uma lembrança constante durante todo o curso. Esta forte lembrança vem de uma das primeiras

professoras, que em sua aula de Psicologia disse: *“Quando vocês forem picadas pela abelhinha do saber, vão entender e jamais abandonar o conhecimento/estudo”*.

Durante um ano e meio dividindo meu tempo entre trabalho, faculdade, trabalho novamente e casa, a pressão era grande e o inevitável aconteceu, tive que escolher entre o estudo e o trabalho.

A residência ficava acerca de vinte e três quilômetros da faculdade a locomoção diária era desgastante, mas em busca do sonho e naquele ano totalmente encantada pelo conhecimento, talvez já picada pela tal abelhinha, fui sendo modificada na minha forma de pensar e agir e assim optei por abandonar o emprego e me dedicar totalmente aos estudos. Durante alguns períodos tive que me inscrever em dez, às vezes onze disciplinas para colocar o estudo atrasado em dia. As amizades vieram, parcerias sólidas que fortaleciam o sonho e o querer de ser universitária. Em breve, mesmo não sabendo, outro momento de formação importante chegaria...

1.4 A Pesquisa na Universidade e a minha Formação: Primeiros passos

Em 2011 após ter concluído as disciplinas de Alfabetização observei junto ao meu grupo um aviso no quadro que dizia sobre duas vagas de bolsista para as professoras Jacqueline Moraes e Mairce Araújo. Motivada a permanecer com minha dedicação integral na faculdade fiz a prova e entrevista acompanhada de Gláucia Coelho minha amiga de jornada.

Após a entrevista e muita ansiedade de minha parte comecei uma nova etapa em minha formação docente como bolsista de Iniciação Científica FAPERJ na pesquisa: *“Alfabetização, Memória e Formação de Professores: Entrelaçando práticas e saberes no diálogo Universidade e Escola Básica”*.

A Pesquisa nos levou a conhecer a Escola Municipal Zulmira Mathias Netto Ribeiro, situada próximo à faculdade no bairro do Gradim, nos instigando a observar e sentir a escola de outro ponto de vista: o ponto de onde crianças, professoras, administração, direção, merendeiras, faxineiras... elaboram suas explicações sobre o cotidiano escolar e seus desafios. Ali, os saberes eram múltiplos, como múltiplos

também eram os sujeitos produtores de conhecimento. A resposta para um problema que envolvia a todos na escola poderia vir da diretora, mas também da cozinheira, como tantas vezes acontece no cotidiano escolar.

Eu sinto que neste texto, por mais que me esforce para expressar, não consigo transmitir a grandiosidade da transformação provocada em mim pela e a partir da pesquisa na e com a escola.

Ali, no bairro do Gradim, dentro daquelas paredes e ouvindo aqueles sons pude reencontrar minhas lembranças e refletir sobre as mesmas. Pude comparar e entender finalmente que a teoria é elaborada a partir da prática e que a prática não pode ser uma mera aplicação da teoria. Vivi e pude experimentar trabalhos com as crianças e com as professoras da escola a prática que ali acontecia e só então a partir da vida, da ação, refletir sobre e tentar teorizar.

Após os primeiros trechos da estrada, sinto que agora entro em uma bifurcação para seguir a viagem. O próximo percurso merece todo um capítulo para contar, ainda que rapidamente, alguns momentos formativos que destaco vividos na escola a partir da pesquisa.

CAPÍTULO 2

A PESQUISA, AS EXPERIÊNCIAS ... ATRAVESSAMENTOS QUE FORMAM

Aprender a escrever escrevendo e a ler lendo. Este foi um princípio estudado a partir de Freire (1996), Smolka (2002), Araújo (2001), dentre outros/as pesquisadores/as, nas disciplinas Alfabetização I e Alfabetização II, durante o curso de Pedagogia. Tal princípio também nos inspirava na pesquisa: aprender a pesquisar, pesquisando. Particularmente, eu não sabia ao certo como Memória, Alfabetização e Formação de Professores, campos de estudos tão amplos, poderiam se entrecruzar, fundamentando uma única pesquisa.

Em reuniões periódicas semanais na faculdade e quinzenais na escola, que reuniam as professoras, bolsistas e a coordenadora, construíamos uma metodologia de pesquisa que nos provocava a entender e buscar “na escola” nossas reflexões sobre a nossa própria formação, como afirma Araujo:

Investigando *com* a escola e não *sobre* a escola, nos aproximamos de outros/as pesquisadores/as que reconhecem as professoras e a escola como interlocutoras e co-autoras legítimas no processo de produção de conhecimento, o que tem favorecido a emergência e o reconhecimento de outros saberes, integrantes de uma “ecologia de saberes” (SANTOS, 2006) que fundamenta a emergência de práticas interculturais. (ARAÚJO. 2012, p.5)

Por mais paradoxal que seja, conciliar a pesquisa com as exigências da formação acadêmica individual sempre foi um grande desafio. Digo paradoxal, pois tenho claro que a pesquisa é um dos eixos formadores do Curso de Pedagogia. E como disse Freire

(...) o que há de pesquisador no professor não é uma qualidade ou forma de ser ou de atuar que se acrescente à de ensinar. Faz parte da própria natureza da prática docente a indagação, a busca, a pesquisa. O de que se precisa é que, em sua formação permanente, o professor se perceba e se assuma, porque professor, como pesquisador. (FREIRE, 1996, p.32)

Mesmo assim, entendendo com Freire que *a indagação, a busca, a pesquisa é* parte integrante da formação em muitos momentos, ficava dividida entre as atividades da pesquisa e a assistência às aulas do curso. Alguns professores e algumas professoras entendiam isso e nos liberavam quando o calendário coincidia com alguma atividade ou aula importante. Outros/as professores/as não nos dispensavam, o que provocava um desapontamento, mas também uma compreensão de todos os espaços formativos dentro da faculdade. Foi necessário aprender a relacionar, negociar com as professoras e assim, equilibrar a pesquisa com as disciplinas, mostrando para muitas que o interesse pelas atividades da pesquisa completaria a formação e que meu interesse não era apenas verbal, de fato estava e estou *mergulhada* na pesquisa. Fui aprendendo assim a pesquisar e estudar, pesquisando e estudando e, dessa forma, me preparando para futuramente vivenciar tais processos com alunos e alunas com os/as quais tive o privilégio de partilhar o rico processo de apropriação e produção de conhecimentos.

2.1 A Escola Municipal Professora Zulmira Mathias Netto Ribeiro: a primeira escola observada a partir de um novo olhar

*“A cabeça pensa a partir de onde os pés pisam.
Para compreender é essencial
conhecer o lugar de quem olha”.*
(BOFF, 1998)

Em uma das apresentações de comunicação oral da Semana Científica na Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ fui questionada por uma das avaliadoras sobre os enfrentamentos na escola. Segundo ela, ao narrar minha apresentação parecia que os embates na escola não aconteciam... ora,



Fotografia 3 - Fachada da Escola M. Zulmira M. N. Ribeiro, foto tirada pela professora Francine.

aconteciam e muito.

A Escola Municipal Zulmira Mathias Netto Ribeiro, chamada por nós carinhosamente de Escola Zulmira, nomeação que usarei agora em diante, está situada no bairro do Gradim, município de São Gonçalo, bem próxima à faculdade. Sua localização provocou em mim uma curiosidade, pois fica bem dentro da comunidade, no interior do bairro. Não é vista da pista principal, onde a maioria dos carros, pessoas e ônibus transitam, nenhuma linha de ônibus passa por ela, ou seja, só se conhece a escola Zulmira se você for até ela. No entanto, o fato de estar localizada dentro da comunidade lhe fornece uma característica que pude comparar à todas demais escolas municipais, um quantitativo de crianças superior a sua capacidade física.

Conhecer a escola é bem mais do que simplesmente visitar o espaço físico, essa foi uma das primeiras aprendizagens da pesquisa. Conhecer a escola é ter a “permissão” de transitar pelas salas de aula, de falar com as crianças, de conhecer a Orientadora Pedagógica, a Secretária, a Faxineira, a Copeira, a Inspetora de alunos, Professoras e Direção. E quantas mais personagens que compõe o quadro do-discente.

Este *primeiro* contato lhe permite *entrar* na escola e salas de aula/ professores, mas ao ler Nilda Alves “Decifrando o Pergaminho”, percebo o quanto meu pensamento de conhecer o *cotidiano* da escola é uma afirmação frágil. Apesar de reconhecer que foi a partir da pesquisa que percorri os espaços internos da escola, conhecê-la intimamente, conhecer o cotidiano requer percorrer outros espaços, requer conhecer e diferenciar os diversos cheiros em diversos períodos escolares requer ter contato com todas as crianças que ali estão e não apenas de uma sala ou duas, requer frequentar a escola nos períodos em que ela está aberta, conhecer sua organização e as relações que ali se dão... requer muito mais.

(...) Buscar entender, de maneira diferente do aprendido, as atividades do cotidiano escolar ou do cotidiano comum, exige que esteja disposta a ver além daquilo que outros já viram e muito mais: que seja capaz de mergulhar inteiramente em uma determinada realidade buscando referências de sons, sendo capaz de engolir sentindo a variedade de gostos, caminhar tocando coisas e pessoas e me deixando tocar por elas, cheirando os odores que a realidade coloca a cada ponto do caminho diário. (ALVES, 2001, p.11)

Mesmo concordando com Nilda Alves, gosto de narrar que aquela experiência foi a primeira e, portanto, tão marcante. A primeira vez que estive dentro de uma escola no Rio de Janeiro, dentro das salas de aula, da sala dos professores, da biblioteca... a primeira vez que observei e comparei que o espaço físico é diferente das escolas de minhas lembranças. A quadra não é coberta, não possuía parquinho para a educação infantil (quando lá chegamos, situação que mudou com o apoio do financiamento da pesquisa como explicarei adiante) e nem pátio para as crianças ficarem. Mas o cheiro da escola, o som, a cor dos trabalhos pendurados pelos corredores é tanto quanto ou mais do que minhas lembranças.

Ao sermos apresentadas às professoras começamos nosso trabalho de agendar os encontros. Primeiros momentos nos quais éramos desafiadas a compreender múltiplas mensagens, traduzidas em gestos, expressões, disponibilidade e indisponibilidade que expressavam os sentimentos ora de aceitação, ora de rejeição a uma proposta de pesquisa que propunha um movimento coletivo à escola como afirma Araújo:

(...) Por entendermos que é preciso complexificar a concepção de que a universidade seria o lugar privilegiado de produção de conhecimento e, portanto, de proposições acerca da formação "do outro", temos buscado em nossas pesquisas construir um diálogo com a escola a partir de suas vozes. Produzidas por sujeitos encarnados (NAJMANOVICH, 2001), estas negam a escola apenas como *locus* de aplicação de projetos pensados sobre ela, para ela. As vozes da escola anunciam formas outras de pensar e viver a formação continuada e nos convidam a tecer com ela o que Canário (1999) tem chamado de formação *centrada na escola*. (ARAÚJO, 2012).

O projeto foi contemplado com o apoio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa – FAPERJ, no Edital “Apoio à melhoria das escolas públicas do Rio de Janeiro”. Além de financiamento à pesquisa, o edital também previa a concessão de bolsas de treinamento para professoras da escola. Tal fato contribuiu para o estreitamento das relações, universidade-escola, o que não significou ausência de dificuldades, confrontos de pontos de vista, expectativas diferenciadas. Nos encontros quinzenais, os embates foram cedendo e nós, fomos entendendo como funciona o árduo trabalho de trazer a escola para a universidade e ainda, estabelecer um diálogo com a mesma.

Durante o projeto conseguimos comprar um parquinho de madeira para as crianças da Educação Infantil e uma máquina de xerox para as professoras e

direção, trago esses detalhes para afirmar aquilo que me foi questionado, sim os embates aconteceram o tempo todo, lembro que em uma das reuniões estivemos tão decepcionadas que pensamos em desistir, mas soubemos através de nossa orientadora que trabalhar com a escola envolve muitos momentos ricos e difíceis. Refletindo sobre as palavras ditas por ela naquele momento fui aprendendo que é preciso coragem, amor e crença no ofício docente. Aprendi e aprendo no contato diário com a escola, naqueles dias e agora, que esta profissão é repleta de surpresas e que é preciso direcionar o olhar para aquelas que nos incentivam a prosseguir, e ainda, que nenhum trabalho está repleto de experiências alegres e é preciso adaptar e reconhecer que todas as vivências alegres ou tristes são ricas para nossa e minha formação.

2.2 Oficinas da memória – Uma escolha de metodologia de trabalho



Fotografia 4 - Arquivo do grupo de Pesquisa ALMEF, oficina com bolsistas e professoras E.M. Zulmira

Durante o desenvolvimento da pesquisa “Alfabetização, Memória e Formação de Professores” sentimo-nos instigadas a construir propostas pedagógicas a partir de oficinas de leitura e contação de histórias, incentivando as crianças a

escreverem sua própria história, em busca de ajudá-las a ampliar a

compreensão sobre o seu meio social e às professoras em busca de ampliar o ato de ensinar e a reflexão sobre a própria prática. Também nós ali, graduandas e bolsistas aprendemos muito, mesmo sem nos dar conta.

Ao articular a uma tradição qualitativa, entendíamos que no contexto de nossa investigação não “buscávamos os dados”, a partir de métodos e processos que os isolassem, classificassem, quantificassem, com intuito de estabelecer explicações gerais sobre os fenômenos estudados. Diferente disso, investíamos na

construção de parcerias na escola, com vistas a favorecer o movimento de interpretação da própria prática *na* e *sobre* a ação docente, entendíamos que “produzíamos os dados”.



Fotografia 5 - Arquivo do grupo de Pesquisa ALMEF, Professoras e Bolsistas reunidas/o.

Nesse sentido, as “oficinas da memória” promovidas pela pesquisa na escola, têm se constituído como um instrumento metodológico especialmente fértil, ao nos desafiar a *ver o mundo através dos olhos dos atores sociais e dos sentidos que eles atribuem aos objetos e às ações sociais que desenvolvem*

(GOLDENBERG, 1997, p.32).

As oficinas, não são concebidas pelo projeto como atividades meramente práticas, são atividades teórico-práticas, pois no *fazer* de cada um/uma há um *saber* e este demonstra uma intencionalidade ao desenvolver um projeto, ao elaborar um jornal, ao criar um boneco de pano, ao escrever uma poesia etc, há uma reflexão sobre o que se pensa e o que se propõe. O sujeito que cria, no ato de criar, individual ou coletivamente, traz uma concepção em seu ato de criar e em seu objeto criado. Ou seja, o para quê está presente, e na apresentação dos materiais produzidos pelo grupo estabelece-se um diálogo em que são re-criadas, ressignificadas, repensados os próprios usos a partir de uma proposta inicial (ARAÚJO, JESUS, 2005, p.7).

Caracterizando-se como espaços de narração e produção de um conhecimento, as oficinas contribuíram e contribuem para fortalecer uma via de mão dupla na relação escola-universidade que, não só colabora para *extender* o conhecimento produzido no interior da universidade, mas também para nos abriremos ao conhecimento produzido no cotidiano escolar (ARAÚJO, 2010).

Reunidas na faculdade preparávamos o nosso encontro com as professoras e a proposta era sempre composta por uma narrativa e uma atividade manual seguida de reflexões e conversas.



Fotografias 6,7 e 8 - Arquivo grupo de Pesquisa ALMEF - oficinas com bolsistas e as/o professoras/o E.M. Zulmira M. N. Ribeiro

Na escola, geralmente nos sentávamos em círculo conduzindo após as apresentações iniciais, (no caso de alguma bolsista recém-chegada ou professora). Durante as *oficinas da memória* pude observar semblantes e expressões físicos e faciais se modificarem em um movimento coletivo quase terapêutico, cujo foco era a profissão docente. A partir da narrativa compartilhada, de muitos choros e muitas risadas, braços cruzados, expressões fechadas, sorrisos e soluços atravessados nas gargantas eram liberados e o saber fazer da profissão emergindo.

Sim, nós estávamos ali para valorizar o que cada uma tinha a dizer e a mostrar... o momento era de partilha e não de censura, sempre atentas tentávamos

absorver ao máximo aquelas valiosas experiências que aconteciam dentro de cada sala de aula.

Que as crianças sempre surpreendiam e subvertiam não nos causava estranheza, mas conhecer como as professoras conseguiam fazer se reinventando para captar a atenção dos pequenos, ah sim, essa seria o que ousou chamar de a grande “carta na manga”. E, mesmo aqueles momentos, nos quais saberes pedagógicos potentes pareciam ausentes das narrativas, nos quais prevaleciam metodologias menos favoráveis a um pensar crítico e criativo por parte de professoras e crianças, acabavam se tornando ricos espaços-tempos de reflexão. Quando uma professora se sentia desafiada por alguma criança trazia seus questionamentos para a roda de conversa e no coletivo buscávamos caminhos em busca de entender melhor as lógicas infantis e a partir construir estratégias pedagógicas mais significativas.

Esse partilhar de experiências e desabafos revelavam histórias sobre a escola, histórias sobre as colegas de profissão, histórias sobre as crianças, histórias sobre o bairro e adjacências. Muitas vezes chegávamos com uma proposta de oficina ou de leitura que, embora nos encantasse por a identificarmos com questões imersas no cotidiano escolar, não encontrava eco entre as professoras. Outras vezes, as discussões superavam em muito nossas expectativas, instigando-nos a rever nossas próprias certezas. Nas reflexões que íamos acumulando, tanto as que confirmavam nossas leituras, quanto as que abalavam nossas certezas, o caderno de campo ia ganhando volume.

Os relatos partilhados com maior ou menor segurança revelavam o fazer docente e alimentavam nossos processos formativos, antecipando situações pedagógicas que poderíamos viver futuramente como, por exemplo, o sentimento de ser surpreendida e sentir-se impotente diante de questões colocadas pelos pequenos. Em síntese, férteis inquietações sobre o fazer docente invadiam nossas mentes e nosso coração.

Vários momentos, diversas oficinas, dias quentes, dias nublados, dias animados, dias tristes... o lugar era a escola e outras vezes a faculdade.

Em uma das nossas reuniões o grupo reunido na faculdade decide que precisa ter um nome. Pensávamos que todos os núcleos de pesquisa que conhecemos no mesmo espaço e fora dele possuem um nome que os identifica.

Como poderíamos participar de congressos, seminários, apresentar trabalhos em forma de pôsteres e apresentações orais sem denominar nosso grupo? Como nos apresentar? Quem éramos e somos e a história que contamos é sobre qual grupo?

Partindo de muitas tentativas, algumas confesso bem estranhas, fomos experimentando palavras e combinações que formassem um nome sonoro e significativo. Um nome que reunisse ou que tentasse expressar todas as extensões que a pesquisa perpassa...



Imagem 9 - Arquivo grupo de Pesquisa ALMEF, Composição feita por Gláucia contendo os integrantes.

naquele dia de reunião criamos elegemos o nome do grupo “ALMEF” - Alfabetização, Memória e Formação de Professores”. Nome que a partir daquele momento fez parte de nossas apresentações e nossas criações. Como afirma, Mignot (1993)

Nome confere identidade. Nomear implica designar, proferir, chamar, criar, instituir, eleger, escolher. A escolha de um nome é sempre um ato de arbítrio, liberdade, manipulação, dominação. O nomeador — aquele que nomeia — está social e culturalmente condicionado ou motivado (HOUAISS, 1976, p.11). O nome revela, além das características e qualidades do objeto nominado, a subjetividade ou posição social daquele que nomeia. Significativo, o nome significa o doador do nome, o nomeador (p. 620).

É interessante afirmar que a partir do momento em que nomeamos o grupo como Almek, agregamos fotos e um símbolo, o sentido de grupo começava a se fortalecer para nós, embora já estivéssemos juntas há pelo menos um ano e contássemos com um companheirismo entre nós. Fomos provocadas/os pelo ato de nomeação a refletir sobre o significado do mesmo para nós. *Nome confere identidade. Nomear implica designar, proferir, chamar, criar, instituir, eleger, escolher.* Um grupo constituído de professoras em processo de formação inicial e de professores em formação continuada em busca de partilhar um processo formativo e

uma comunidade investigativa, como nos ensinava nossa orientadora. Cada componente do grupo aprendia que com ele e nele, poderíamos viver a zona de desenvolvimento proximal ensinada por Vygotsky (1999) que aponta que com o grupo posso fazer aquilo que sozinha ainda não conseguiria. Nele me fortaleço, me encorajo, me alegro e também me formo.

(...) Segundo Pichon-Riviére pode-se falar em grupo, quando um conjunto de pessoas movidas por necessidades semelhantes, se reúnem em torno de uma tarefa específica. Num cumprimento de desenvolvimento das tarefas, deixam de ser um amontoado de indivíduos, para cada um assumir-se enquanto participante de um grupo com objetivo mútuo (FREIRE, 2010, p.23).

O período de 2011 a meados de 2013 trouxe muitos momentos valiosos vividos com a escola. Alguns deles foram:

- A Mochila Viajante: Projeto que consistiu em incentivar a leitura partindo de uma mochila que continha alguns livros de literatura infantil. A mochila ficaria certo período com cada criança da turma de alfabetização da Professora Francine. A proposta era mostrar uma possibilidade outra para que a leitura e os livros pudessem circular na escola e com as crianças.



Fotografia 10 - Arquivo grupo ALMEF, Mochila Viajante.

Apresentei a Mochila Viajante para minha turma com a performance que a apresentação de uma novidade requer. Após grande suspense fomos retirando os livros da mochila um a um, fazendo-os circulando pela turma e sugerindo que fossem manuseados e selecionados de acordo com o interesse de cada um. Combinamos com as crianças que posteriormente, faríamos rodas de leitura, onde seriam compartilhadas as aprendizagens e sensações experimentadas a partir das viagens e aventuras imaginárias provocadas pelas histórias lidas. Ainda dentro do alvoroço provocado pela circulação dos livros, comunicamos às crianças que as viagens motivadas pela mochila se estenderiam para além da sala de aula, pois poderiam levar os livros para casa para dividi-los com a família, amigos, vizinhos e quem mais quisessem, durante o período em que a “mochila viajante” tivesse sob sua guarda.

Enquanto a “mochila viajante” circulava pelas casas das crianças provocando experiências das quais muitas nem teremos notícias, várias atividades foram sendo desenvolvidas com a turma, algumas vezes, focadas em palavras chaves que remetiam às histórias dos livros. A leitura dos “Três porquinhos”, por exemplo, inspirou a contagem, além da questão de gênero - porco e porca - e a exploração dos diminutivos porquinho – porquinho (...) (AZEVEDO, 2012.p.12).

- A aula passeio: Planetário Móvel. Neste projeto articulamos o recurso do financiamento com uma atividade realizada dentro de uma bolha inflável. Dentro dela as crianças conheceriam os planetas e fariam várias atividades. A proposta foi realizada com as crianças da Escola Zulmira no espaço da Universidade, onde puderam visitar e conhecer mais de perto a faculdade do nosso município São Gonçalo.



Fotografia 11 - Arquivo grupo ALMEF - Aula Passeio/ Planetário com as crianças da E. M. Zulmira

(...) Como pode ser visto na imagem, o Planetário Móvel é uma proposta pedagógica elaborada por professores da área de ciências e física, Genival da Silva Pereira e Rodrigo da Silva Pereira, que tem como suporte uma cúpula inflável com 5m de diâmetro e 4,5m de altura, dentro da qual imagens do céu noturno são projetadas e os estudantes são convidados a observar e entender os movimentos celestes, (as constelações, as estrelas, o Sistema Solar, as estações do ano e abordagens sobre Astronomia, entre outros), em uma viagem imaginária percorrendo “o espaço” num foguete, em um movimento interdisciplinar que perpassa abordando assuntos de ciências, história e geografia. As informações selecionadas pelo projeto buscam levar em conta a faixa etária ou escolaridade do público. Após a apresentação dos vídeos é realizada uma pequena oficina com as crianças. O projeto foi financiado pela pesquisa, sendo ampliado para a E M Armando Leão, cujos contatos iniciais fazíamos já como proposta de desdobramento da pesquisa (VALERIANO, ARAÚJO. 2013. p.3).

- Evento na escola: *“Seminário Diálogos Universidade Escola Básica: Na escola, brincadeira tem hora?”* a escolha do tema foi uma proposta que partiu das professoras da escola que sempre traziam em forma de pergunta para os nossos encontros. Durante os dias 14, 15 e 16 de dezembro/2011, vivenciamos diversas atividades: Brincadeiras e cantigas de roda (bolsistas e crianças), Inauguração do parquinho (pais, comunidade e crianças) e a mesa para reflexão sobre o tema.



Ilustração 12 - Banner do Evento "Na escola, brincadeira tem hora?"
Confeccionado por Gláucia Coelho.

O evento: "Na escola, brincadeira tem hora?", foi um evento proposto à escola, pelo grupo de pesquisa. A idéia do evento surgiu a partir de uma demanda da escola, que por sua vez gerou a discussão sobre a temática da brincadeira, questão que atravessa o cotidiano escolar dos anos iniciais da escola básica, especialmente, mas não só, a Educação Infantil. Tendo obtido um financiamento da FAPERJ para a pesquisa, o grupo ALMEF, consultou a escola sobre bens possíveis a serem adquiridos com objetivo de contribuir para o processo pedagógico da escola. A escolha das professoras recaiu sobre a aquisição de um Parquinho Infantil. Como desdobramento da aquisição do parquinho, propusemos a reflexão sobre brincadeira no cotidiano escolar. Daí surgiram várias questões sobre o brincar na escola, como por exemplo: Como a brincadeira está presente na escola? Qual a importância da brincadeira para o desenvolvimento educativo? Como as professoras podem pensar a brincadeira como ferramenta na produção do conhecimento?

Com o intuito de ampliar a reflexão sobre a temática foi organizado um evento, buscando promover uma articulação entre os sujeitos do cotidiano escolar, bem como proporcionar uma interação com a comunidade a seu entorno (COELHO, 2014. p.53).

Foram convidadas as professoras Andréa Serpa UFF e Deylla Wiviane E. Municipal Adelino Magalhães.

A intenção foi de discutir sob vários aspectos a brincadeira na escola como: a importância do brincar, se o brincar é coisa séria, qual o tempo para brincar na escola, se a escola também era um espaço para brincadeiras, entre outras.



Fotografia 13 - Arquivo grupo de pesquisa ALMEF - Professoras convidadas para compor a mesa, Deylla Wiviane, Andrea Serpa e Mairce Araújo

Além das atividades, projetos e eventos promovíamos as seguintes Oficinas Da memória: - Um Baú de Memórias; - Fotografia: Lente e papel, Luz sobre o foco da Escrita; - Janela sobre a Palavra; - Que Bagagem!; - Barangandã: do instrumento à narrativa, rompendo com o silêncio; - Colcha de Retalhos.

Pensando na escola, nas pessoas da escola, no grupo de pesquisa Almek, nas experiências vividas e na rica produtividade para nós bolsistas, vejo como é difícil resumir nosso trabalho durante o período que estivemos e estamos juntos. Partindo da realização das oficinas fazíamos nossos relatórios, estudávamos e estes se transformavam em artigos apresentados em diversos espaços acadêmicos como: Universidade Federal Fluminense - UFF, Universidade Federal de Campinas – UNICAMP e Seminários locais como o REDES, FFP para todos, Semana de Iniciação Científica SEMIC, dentre outros...

2.3 Oficina Colcha De Retalhos: Compartilhando, Reinventando... Costurando Experiências e Práticas Pedagógicas¹

Continuando a percorrer a estrada chego agora a um novo trecho. Diversos relatórios produzidos, diversos ensaios e textos... muitas experiências. À medida que experimentava, ia arriscando minha própria *escrita autoral*, uma escrita que buscava relatar, descrever e refletir sobre os momentos vividos na escola. Aos poucos fui sendo inserida e arrisquei não apenas a escrita autoral como também uma docência autoral (próximo capítulo) sim as oficinas propiciaram diversas conversas, trocas... na mesma escola convivi com as professoras e também com as crianças, os grandes pequenos. Eis a seguir uma das oficinas:



Fotografia 14- Arquivo grupo ALMEF, Professoras reunidas em atividade de uma das oficinas realizadas na E.M. Zulmira

A oficina nomeada por nós como “*Colcha de Retalhos*” foi realizada em abril de 2012, na E. M. Zulmira M. N. Ribeiro dentro do horário do centro de estudos, envolvendo o grupo da pesquisa e oito professoras da escola, que atuam na alfabetização, primeiro, segundo, terceiro e quarto ano de escolaridade.

¹ Reflexão apresentada originalmente na Semana de Iniciação Científica em 2013.

Como pontapé inicial inspirador para o encontro, começamos com a leitura de um texto pesquisado na internet:

Colcha de retalhos

*Outro dia fiz uma colcha de retalhos...
 Todos os restinhos de pano guardei, iam servir. Ao pegar cada pedaço recordava-me de pessoas,
 acontecimentos... Como se cada um tivesse sua história para contar.
 Fui costurar. Cores que, à primeira vista, não combinavam, padrões e desenhos totalmente
 diferentes, tudo se juntou. A colcha ficou pronta. E como ficou bonita!
 Fico pensando: Todos os seres são diferentes. Ninguém é igual ao outro. Nada de repetição, de
 monotonia. E não são diferentes só fisicamente, todos pensam, sentem e agem, completando e
 apoiando um ao outro.
 Que maravilha é a colcha de tantos seres diferentes, formando a humanidade.
 Por que quero que todos sejam, pensem e sintam de maneira igual?
 Eu sou um pedacinho no grande conjunto.
 Embelezo a criação de um determinado modo.
 Outros realçam outras cores, outros padrões.
 Importante é querer ser costurado aos outros retalhos e não ficar isolado.
 Todos unidos, cada um do seu modo, formando a grande "Colcha de retalhos".
 (Adaptação de texto de autor desconhecido)*

Após a leitura, lápis e cartões recortados de cartolinas coloridas foram distribuídos para as professoras. Cada participante foi orientada a confeccionar um retalho para compor a colcha, desenhando, escrevendo um trecho de letra de música, uma poesia de algum autor que goste ou de sua própria autoria... o que desejasse expressar e compartilhar com o grupo ali reunido.

O momento de produção foi descontraído, as professoras envolvidas e inteiramente disponíveis completaram o clima prazeroso da oficina.

Em seguida provocamos o diálogo. Cada professora apresentava o seu retalho, contando sobre o que motivara sua produção, narrando, cantando, declamando... A colcha foi sendo montada: após a apresentação de cada retalho, a autora colava o seu aos demais compondo o painel ao lado.

A partir de suas produções, cada professora trazia para a roda os relatos de *pequenos acontecimentos* vividos no cotidiano da prática docente. Acontecimentos vivenciados por anônimos, por pessoas comuns, tantas vezes percebidos como *menos importantes*. Fragmentos de uma história coletiva.

Tais histórias nos remetiam à recomendação de Benjamin (1994), ao defender a importância do cronista *que narra os acontecimentos, sem distinguir entre os grandes e os pequenos* e, com isso, mostra que *nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido para a história*. (p. 223).



Fotografia 15 - Arquivo grupo ALMEF, composição da atividade Colcha de Retalhos.

Ao final da oficina a nossa colcha de retalhos estava montada. Uma colcha diferente de todas as outras, não apenas porque seus retalhos não eram de tecido, mas sim de cartões coloridos. Uma colcha diferente, pois possuía versos poéticos, histórias das experiências escolares, desenhos, trechos de músicas... todos escritos à mão, transmitindo características que contribuíam para sua singularidade.

Essa composição foi acompanhada de risos, choros e demais expressões compondo uma colcha de possibilidades para o processo ensinar-aprender.

Os sentimentos aflorados pela oficina, narrados e registrados, provocavam nossa memória docente e tornavam prazerosa a escrita de si, ampliando nosso olhar sobre as práticas escolares que podem ser ressignificadas.

Alguns questionamentos foram emergindo a partir das narrativas e dos retalhos: o que posso aprender refletindo sobre a minha própria história? Que contribuições o ato de relembrar eventos vividos, sentimentos provocados por situações podem trazer para minha prática em sala de aula?

Com Benjamin aprendemos que: *a experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorrem todos os narradores* (1994:198). Acreditamos que as oficinas da memória exercitando o compartilhamento das histórias vividas, colocando na roda nossos medos e anseios refletindo sobre eles, muitas vezes exorcizando-os, podem contribuir para fazer circular as experiências, no sentido que Benjamin nos ensina.

Rememorar coletivamente momentos marcantes de cada história favorece o exercício da autoanálise, destacando as marcas positivas que orientaram a nossa formação e que servem de base para a nossa ação pedagógica e, ao mesmo tempo, identificando as marcas negativas com as quais tentamos romper.

Montero *apud* Park e Fernandes (1980), diz que:

(...) O processo de esquecimento produz o deixar de existir, enquanto que a lembrança carrega o potencial da existência. Somos quem somos por causa daquilo de que nos lembramos; é isso que nos confere identidade e que permite nosso reconhecimento por um outro (2004: 16).

Park (1980) afirma que gravamos melhor o que tem conteúdo emocional, o que nos faz refletir sobre as lembranças que, arraigadas de sentimentos, marcam e transforma-nos. De que forma as memórias docentes podem contribuir para reinventarmos o cotidiano escolar? Lembrar uma prática docente pode propiciar outras formas e abordagens para a pensarmos o processo ensino-aprendizagem?

Assim, entendo que, tendo a memória como ponto de partida, os exercícios narrativos-reflexivos podem se constituir como caminhos para produções de práticas pedagógicas emancipatórias. Pensar coletivamente sobre os fatos corriqueiros, banais, às vezes, naturalizados que acontecem no cotidiano escolar, trazidos pelas narrativas, possibilita a construção de um novo olhar sobre nossas próprias práticas pedagógicas.

As oficinas pedagógicas de memória oferecidas na escola com as professoras e com as crianças (capítulo que vem a seguir) me permitiram experimentar e compartilhar do ambiente escolar, e através das histórias entender um pouco mais sobre o que é o magistério.

CAPÍTULO 3

UMA OPORTUNIDADE, UMA PRODUÇÃO... A ESCRITA AUTORAL O TRABALHO COM AS CRIANÇAS

Como mencionei anteriormente o período de 2011 a 2012 foi repleto de experiências ricas, vividas na escola e na universidade. No trajeto que fazia semanalmente, faculdade-escola-faculdade, às vezes mais de uma vez durante a semana, fui absorvendo diversos acontecimentos. Vivi na Escola Zulmira a oportunidade de apurar o olhar, ficar atenta aos sons, ouvir as falas das crianças, das professoras, das senhoras que trabalhavam na cantina, da senhora que ficava no portão, das mães, dos tios da rota... pelo menos eu tentava... tentava ficar atenta a tudo que se movimentava a minha volta.

Nos momentos em que estive junto às professoras, nas oficinas realizadas, tive uma oportunidade. Eis que nossa orientadora Mairce faz um pedido e nele diz que gostaria que as bolsistas fizessem atividades com as turmas da escola, qual professora poderia ceder um período das aulas para algumas atividades?

Seduzida pelo convite a professora Jaqueline aceitou minha intervenção em sua sala de aula, e assim fiz meu primeiro contato com sua turma. Uma turma de 1º ano, classe de alfabetização, com algumas características que conferiam segundo a professora um desafio.

Em conversas anteriores, a Professora Jaqueline compartilhara comigo que a preocupação em cobrir todos os conteúdos propostos no currículo, lhe tomava muito tempo. Sendo assim, não conseguia encontrar espaço no cotidiano para ler ou contar histórias, atividades que entendia como importantes para o processo de apropriação da linguagem escrita. Continuando a conversa a Professora relata suas dificuldades com duas crianças que, em sua avaliação, eram agitadas e dispersas e demandavam uma atenção mais individualizada... a turma revelava-se, até aquele momento, desinteressada e com pouco domínio da escrita.

Naquele ano, as crianças da turma passaram por diversas trocas de professoras, ela a Jaqueline era a quarta, e ainda estávamos em maio.

Não soube ao certo o que se passava no município para que houvesse tantas trocas, sei que naquele ano toda a Secretaria de Educação estava mudando algumas pessoas em sua direção. Algumas professoras que faziam “dobra”² nas escolas foram obrigadas a abandonar esse segundo turno deixando assim turmas vagas e muitas trocas. O município abriria um novo concurso e até as coisas se ajeitarem era inevitável esse “rodízio” de professoras.

Animada com a possibilidade volto para a faculdade a fim de discutir com o grupo e com algumas amigas as opções de atividades que poderia preparar para as crianças. E assim, munida do meu tímido planejamento fui para escola, aquela manhã seria o primeiro dia... eu ainda não sabia, mas jamais esqueceria.

Inspirada no filme “Eu, eu mesmo e Irene”, no qual o protagonista tem uma dualidade de personalidade e se relaciona com Irene, preendo-me ao título. Parece-me que ao escrever “eu” e em seguida “eu mesmo com alguém”, significa trazer aquilo que está escondido na intimidade. É como se existissem duas pessoas no mesmo ser. Aquilo que se passa apenas no pensamento e aquilo que deixamos ser mostrado. Decido então, “brincando” com o título e no que ele me faz refletir, escrever minha primeira experiência em uma sala de aula, onde o “eu” e o “eu mesma” entram em conflito diante das perguntas e saberes que as crianças, com tão pouco tempo de vida provocaram em mim.

3.1 Eu, eu mesma e “as crianças”... Afetamentos

Quarta-feira, mês de maio, ano de 2011, turno da manhã, sala com 25 crianças aproximadamente, turma de alfabetização.

Paro frente à porta, respiro fundo, sensações de insegurança e medo se misturam à ansiedade e euforia, o coração palpita. Bato na porta e sou recepcionada pela professora Jaqueline, cumprimento-a e em seguida dou bom dia às crianças. Elas respondem tímidas, os olhares são curiosos, Jaqueline me apresenta e pede

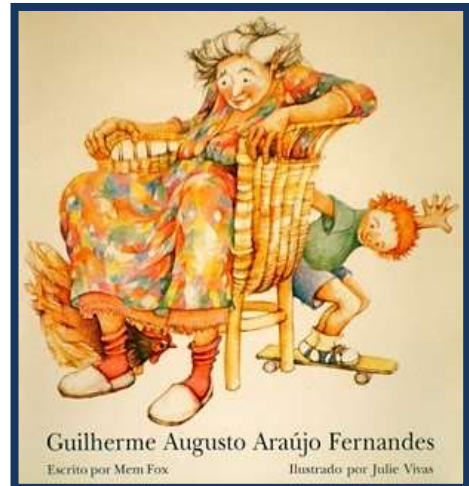
²Dobra: Termo utilizado para o professor (a) da rede municipal que assume uma segunda turma, temporariamente, e não é concursado para tal.

para que terminem a atividade que haviam começado. Aguardei ao fundo da sala para em seguida dar início ao que trouxera para os pequenos.

Momentos antes, planejando a primeira oficina que faria com a turma, decidi contar uma história e, em seguida, propor uma atividade que aguçasse a curiosidade das crianças, e as instigasse para o mundo dos livros e da escrita.

Buscando incentivar a escrita de sua própria história, o livro escolhido para a oficina foi Guilherme Augusto Araújo Fernandes. A atividade proposta envolvia desenho com giz de cera sobre o jornal, recorte/colagem.

A história de Guilherme Augusto, conta sobre um menino que morava ao lado de um asilo de idosos, e resolve ajudar sua grande amiga Dona Antonia a recuperar a memória perdida.



**Ilustração 16 - Arquivo pessoal, capa do livro
Guilherme Augusto Araújo Fernandes**

Pedi que as crianças se levantassem e juntas sentamos no fundo da sala, inicialmente em círculo, de modo que ninguém atrapalhasse a visão de ninguém. Digo inicialmente, pois após o começo da narrativa os pequenos decidiram por conta própria misturar-se.

Risos e gargalhadas vão interrompendo a história. Risadas provocadas pelas ilustrações do livro. De tempos em tempos, eu parava a leitura da história e observava as expressões dos rostinhos, havia surpresa, curiosidade, olhos atentos, comentários, gestos de desatenção, olhares de devaneios, alguns se interessavam e outros nem tanto, será? Talvez... são observações difíceis de serem traduzidas por escrito.

Terminada a leitura da história, perguntei:

- *E então? Gostaram?* A resposta se deu em forma de silêncio total e expressões pensativas.

Rapidamente meu pensamento turbilha de dúvidas e inseguranças: O que fazer? Como entender o silêncio? Será que as crianças não gostaram? Será que não entenderam a história? Sem saber o que fazer, retomei a narrativa. Dessa vez,

resumidamente passava página por página, em minha vã compreensão iria ajudá-los a “fixar” os acontecimentos da história.

Pensar posteriormente sobre esse silêncio me desafiou a rever as minhas concepções acerca do processo de ensino aprendizagem. Até que ponto meu desconforto está articulado ao modelo “professora-pergunta-aluno-responde-o-esperado-pela-professora”? Ao não repetir cada passo da história, as crianças estariam demonstrando que “não aprenderam”?

Na continuidade da atividade, pedi às crianças que fossem para as mesas para darmos início aos desenhos no jornal e depois à colagem.

Ângelo, uma das crianças, desenha recorta e pinta. Atrás do seu desenho sou surpreendida com algumas letras, apesar de momento algum mencionar que gostaria que escrevessem.



Ilustração 17 e 18- Arquivo pessoal, produção do aluno Ângelo (desenho, recorte e colagem)

O momento de desenhar, pintar e colar deixou as crianças alegres e agitadas, e todos trabalharam bem. Recolhi os desenhos e aguardei o horário do recreio para sair junto com elas. Retornei pensativa sobre o primeiro dia, certa de que não tinha alcançado meu objetivo de encantá-las com a história. Na faculdade busquei relatar o acontecido e minha decepção... para a próxima oficina pensava eu, levaria uma história que eles já conheciam, mas com uma versão diferente.

Segunda oficina Livro “A verdadeira história dos três porquinhos”.

Atividade proposta – Inspirada por um livro que ensina a fazer teatro de sombras, propus ao grupo usar as mãos para fazer o lobo mau.

Ao começar nosso segundo encontro, perguntei o que elas “lembravam” da nossa primeira vez. Para minha surpresa *novamente*, os pequenos lembraram de todo o nome do livro: Guilherme Augusto Araújo Fernandes, perguntei então o que mais gostaram e do que se lembravam:

- *Então me contem! Do que vocês se lembram?*
- *Ah tia, o Guilherme morava do lado de um asilo, né? E tinha uns velhinhos.*
- *E a história era sobre memória, que eu acho que é uma coisa que a gente tem aqui dentro ó (apontando para a cabeça)!*
- *Eu lembro do nome do livro porque aqui na nossa sala tem um Guilherme!*
- *O Guilherme ajuda uma vovó a lembrar as coisas esquecidas né?*
- *Ele levou um ovo pra ela! Há há há! Lá em casa também tem galinha, tia!*

As gargalhadas invadiram a sala. Fiquei emocionada ao constatar que, diferente do que eu pensara, as crianças não só lembraram da história, como a associaram as suas próprias experiências. Sim, elas ficaram pensando sobre a história.

Mostrei o livro daquele dia e contei a história do Lobo Mau, fazendo vozes diferentes e expressões que a história requer para ficar mais envolvente. Mas mesmo divertida constato que os olhares não foram os mesmos. Parecia que apesar da história ter uma versão diferente, não apresentava fatos que os interessassem e que os surpreendessem. Terminada a contação fizemos a atividade e novamente se divertiram muito.



Ilustração 19- Arquivo pessoal, capa do livro “A verdadeira história dos três porquinhos!”



Ilustração 20- Arquivo pessoal, registro da atividade "teatro de sombras" da aluna Eduarda.

Eduarda faz o seu lobo e pergunta se pode dar um nome a ele (Ismupe). Respondo que todos se quiserem podem dar um nome para o seu lobo. E as crianças resolvem escrever...

Igor nomeia seu lobo de Lafido, mais tarde verifico que também escreveu no verso da folha: "latãobão, bitão"



Ilustração 21 e 22 - Arquivo pessoal, registro da produção "teatro de sombras" do aluno Igor.

Volto para a faculdade contagiada, com o sentimento que me faltou no primeiro dia, e que a partir daquele momento me completava. De que a história foi compreendida e que cada um do seu jeito assimilou e buscou relacionar com algo do seu cotidiano. Assim escolhi o livro para a terceira oficina.

Terceiro encontro – Livro "Lembra de mim"
Atividade – Desenhar e inventar a sua própria história sobre o desenho.

Terceiro encontro, o último, pois as crianças entrariam no calendário festivo da escola e, em seguida, férias. Sou recepcionada com gritos de alegria, e a professora me diz que durante a semana o que mais fazem é perguntar que dia venho. Jaqueline também me diz que se inspirou nas atividades



Ilustração 23 - Arquivo pessoal, capa do Livro "Lembra de Mim"

propostas na oficina para propor novas atividades e articular com os conteúdos curriculares.

Contente por “não me sentir atrapalhando” o planejamento da Professora, reconheço a fertilidade das opções metodológicas da pesquisa ao propor as oficinas de memória na escola como contribuição para renovação de práticas alfabetizadoras que valorizem as histórias das crianças, de suas famílias e de seu meio social.

-Tia, nós queremos ouvir essa história que você trouxe!

Começo a narrativa. Neste livro a Avó de Elena tem Alzheimer e está esquecendo as coisas, os números... e de Elena também. Num determinado momento do livro, Elena pede à sua avó:

- Por favor, vó. Por favor, por favor, por favor, lembra de mim!

Pela primeira vez, nenhum ruído compartilhou o momento da contação. Parei para observá-los por que o silêncio foi tamanho que imperou naquele momento. Estavam concentrados e emocionados com o momento especial da história. Também eu estava muito emocionada e não esperava a reação deles, com um nó na garganta, continuei e terminei a leitura. Silêncio novamente e surge a pergunta de Kaio:

- Tia, o que é esse nome que você falou? Esse nome esquisito e diferente?

- Que nome? Alzheimer? Perguntei.

Balançou o rostinho afirmando que sim, expliquei então que Alzheimer era um tipo de doença que algumas pessoas tinham e que provocava a perda da memória. Tinha esse nome, pois o cientista que a descobriu era alemão e se chamava Alzheimer.

- E dói? Perguntou o Ângelo. Ah! Naquele momento senti uma angústia que não queria passar para os pequenos. Como explicar a dor que o Alzheimer provoca? Seria melhor não falar? Os relatos das famílias que sofrem com o Alzheimer dizem que trazem muita dor, talvez não a física, em muitos casos a emocional. Uma dor igualmente profunda. A pergunta de Ângelo me aguardava, juntamente com vários olhinhos ansiosos, como responder? Reflito e digo:

- Bom, os pesquisadores dizem que não. A pessoa vai esquecendo as coisas, mas (pausa) não provoca dor.

Ficaram em silêncio. Ah! Os pequenos! Sinto que as crianças também interpretaram meus silêncios e minhas pausas. Eu não temia estar ali com eles, também não estava preparada para suas perguntas. Quem está?

Aos poucos foram se levantando e se encaminharam para as mesinhas, já sabiam que iríamos fazer algo em seguida. Daquela vez pedi que desenhassem o que quisessem, qualquer coisa e depois me contassem uma historinha sobre o desenho.

Em muitos desenhos apareceu a figura de avó e avô. Uma das crianças me diz que não tem vó e nem vô, mas que uma vó cuida dela, enquanto sua mãe trabalha.

- *Eu chamo ela de vó. Pode, num pode?*

- *Se ela gosta, pode sim! Respondo.*

- *Eu gosto muito dela, ela me conta histórias...*

Emociona-me reviver e recontar aquele momento, tão verdadeiro. É impressionante o valor que as crianças sentem com a figura dos avós, ou até das pessoas mais velhas. Mesmo sendo eles de sangue ou não. Tão importante para eles, quanto foi e é para mim.

Igor desenha e conta a sua história, atrás do seu desenho verifico que escreveu o nome da gata.

- *Minha história é assim, tia. A gatinha estava em cima do muro, minha vovó Nana mora do outro lado. O nome da gatinha é Princesa Jujuba, e às vezes ela dorme comigo. Meus cachorros não gostam dela.*

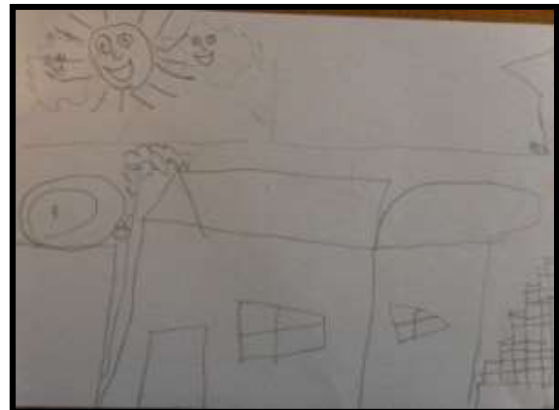
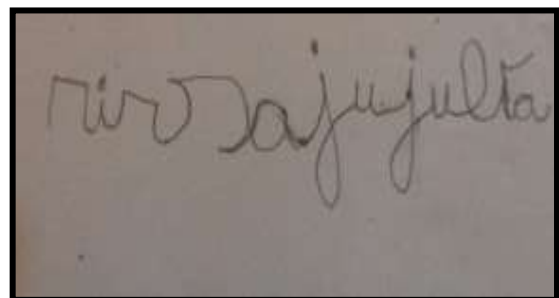


Ilustração 24 e 25- Arquivo pessoal, registro da atividade desenho livre feita pelo aluno Igor.



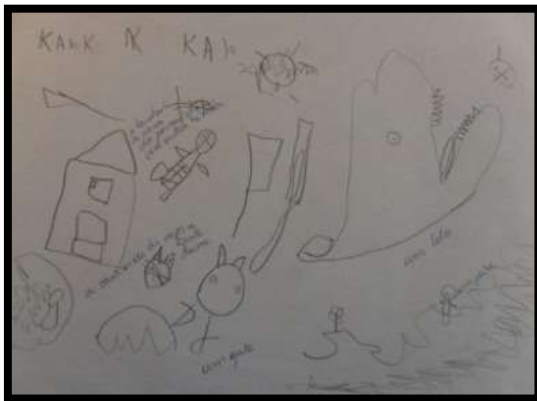


Ilustração 26 - Arquivo pessoal, registro da atividade desenho livre feita pelo aluno Kaio.

Kaio me conta sua história? Peço.

Ele diz: Tia, não quero. Vou só te dizer o que desenhei, tá bom? Olha aqui eu fiz o lobo da outra história, embaixo tem um peixe, aqui do lado é a casa onde às vezes a gente dorme, e também a casa dos porquinhos da outra história.

Nosso encontro finalizou, todos foram para o recreio e fui agradecer a oportunidade que a professora Jaqueline me dera. A oportunidade de ficar à vontade, pois após a primeira oficina ela passou a me deixar sozinha com as crianças e a oportunidade de participar do dia delas e de principalmente aprender muito com elas.

Relembrando aqueles dias, penso nas duas crianças agitadas que a professora mencionou terem falta de atenção e que no momento da contação e das atividades ficaram absorvidas e participativas. Penso na criança que no primeiro dia me disse que não gostava de histórias e que não queria participar, e à medida que me viu e ouviu contar foi se chegando e se misturando às gargalhadas. Penso na vontade que tenho em trabalhar com as crianças da escola básica, das classes populares, no retorno que tive delas e que não sei transcrever aqui neste trabalho.

Tenho o sentimento de estar incompleta longe delas, sinto que com elas vou me forjando, me formando. Que o magistério só tem sentido quando o professor/a se envolve com a turma com a qual trabalha, que é preciso buscar e construir mecanismos que possibilitem a alfabetização através da literatura e das memórias transformadas em histórias. Que é possível a interação do sujeito na construção da sua história focando no despertar do interesse pelo texto produzido originalmente.

3.2 “Eu, eu mesma”... Algumas reflexões provocadas pelos pequenos

Um primeiro passo diante de tantos que serão dados. Um primeiro passo que deixa um prazer, que mostra um pouco dos diversos desafios que a escola pública enfrenta, que mostra a incerteza daquilo que pode ser produzido com os pequenos e mostra que o processo de elaboração da oficina, envolve os seus mais diferentes momentos: escolher o material didático e a história a ser contada, fazer os combinados com a Professora, planejar as atividades a serem propostas, compartilhar as narrativas com as crianças, socializar a experiência com o grupo da pesquisa... transformar em texto, escrever aquilo que vivi. Não é fácil. Nesse desafio vou conhecendo um pouco mais daquela que escreve, estuda e pesquisa. A professora em processo de (auto)formação, que vai sendo formada, transformada, ao perceber o que a move, o que a estimula.

O processo de tornar-se pesquisadora de sua própria prática faz com que a professora atualize os conhecimentos que adquiriu em seu curso inicial e que foi enriquecendo em sua prática e em cursos, leituras e estudos (GARCIA, 2000, p. 22)

Na experiência vivida na sala da professora Jaqueline, a partir da minha participação na pesquisa, percebo a importância da professora reconhecer-se como pesquisadora da sua própria prática. Contudo, o que provoca tal reflexão?

Durante os momentos de narrativa, frequentemente era interrompida pelos questionamentos das crianças que atravessavam a contação do começo ao fim da história, no decorrer da atividade seguinte, várias vezes... as crianças me interpelavam, me provocavam, me convidavam a parar a narração, a pintura, a colagem para observá-los mais atentamente, olhar e escutar, olhar e escutar com todos os sentidos. As experiências produzem um efeito que permanece, que ainda provoca o pensamento: O que será que desejavam? Queriam apenas questionar? Queriam opinião de como estavam se saindo? Queriam elogios? Será que atendi ao que ansiavam?

Na busca por respostas para essas questões, no encontro de tantas outras perguntas com as quais o cotidiano da prática alfabetizadora nos desafia, reencontramos a natureza pesquisadora da prática docente, como diria Freire

(2000). A professora que somos é atravessada por todas e tantas experiências, por outras histórias e ainda nós atravessamos as histórias dos nossos alunos.

E assim buscamos o fazer, o pensar a prática docente, faz sentido pensar que para melhorar a prática precisamos nos envolver no movimento de retroceder no passado, trazendo a lembrança para o presente e revivê-la. É como sentir que para dar um passo adiante temos que primeiro dar um passo atrás, relembrar, reviver para assim seguir.

A lembrança é sorrateira e vem acompanhada pela experiência, chega aos pouquinhos, nos permeia e nos invade trazendo o que fora vivido e o que fora aprendido. Se tomamos consciência que esse aprendizado pode traduzir e ampliar a nossa prática, quem sabe caminhamos para ressignificar o ato de ensinar.

CAPITULO 4

AFETAMENTOS COM O OUTRO E OUTROS: A PROFESSORA QUE DESEJO SER

Tchau, filho! Come tudo que a tia lhe der viu?

O leitor deste texto pode pensar, mas ela escreve tanto sobre a pesquisa. E eu digo: Como não escrever? A pesquisa me colocou no campo dos questionamentos, me levou para fora das paredes “confortáveis” da faculdade e me posicionou. É como se ela dissesse: Vem aqui pra fora, vem conhecer o que se passa fora da faculdade. Mostrou-me um pouco da realidade das escolas da rede, mostrou-me que a educação acontece sobre as diversas dificuldades e que professoras e alunos, mesmo assim, enfrentam corajosamente. Têm mostrado o caminho que desejo trilhar a partir dos diálogos que tivemos e temos tido com e na escola. É preciso estar com eles para tentar entender.

A caminho da sala onde eu e Gláucia, minha amiga e companheira nas atividades, fizemos atividade de contação de histórias com a turma de Francine ouço a fala desta mãe que ao despedir de seu filho recomenda que a criança faça a refeição que a escola oferece. Olho no relógio e ainda não deu o horário para a entrada do turno da tarde, deixamos o material na sala e verifico que a professora da turma ainda não chegou, resolvemos descer e aguardar.

Na porta do refeitório vejo a criança que a mãe despediu e fez a recomendação, a inspetora das crianças permite que o pequeno entre no momento em que praticamente as crianças do turno matutino acabaram de deixar a escola, e a cantina está vazia. Ela me observa e diz:

- Ele sempre vem nesse horário, porque a merenda do almoço é a única refeição que ele faz no dia.

Fico muda e sorrio. Não há palavras para esse momento. Situações como essa acontecem nas escolas da rede. Como não ouvir? Como não perceber o que Milton Santos (2000) chama de solidariedade de preocupações entre os pobres?

Durante este trabalho monográfico questões relacionadas às comunidades, populares, pobres, carentes que estão no entorno da escola me tocam, incomodam, me indignam... pensei em diversas vezes se deveria ou não trazer para este trabalho uma ou mais cenas que contemplei na escola, atônita, tenho receio de aqui não conseguir discuti-las, talvez relatá-las seja um primeiro passo.

Naquele dia a professora Francine observando nossa *paramentália* ficou com pena de apenas a sua turma assistir a contação de histórias e nos pergunta se poderíamos juntar três turmas. Concordamos prontamente. Algumas professoras podem achar que fomos inocentes, imagina! Juntar três turmas! Nunca as crianças ficariam em silêncio e participariam. Fizemos. A história, a música, as atividades saíram em harmonia. Harmonia para nós não é uma presença quieta e totalmente calada dos pequenos, é interação, é risada e participação de diversas formas que a atividade propunha.

É prazeroso demais trabalhar com as crianças da rede! Talvez elas não possuam atividades diferentes... atividades lúdicas que provoquem o pensamento, atividades que chegam e pedem licença para tantos afazeres que eles já possuem e abrem um espaço no tempo para dar lugar à criatividade.

A lembrança da cena vivida com a criança que precisava se alimentar continua em meu pensamento, vou para casa e nos trabalhos da pesquisa lembro-me da fala da professora Kaytre. Nas oficinas pedagógicas realizadas com as professoras muito do cotidiano foi dito e conferido por nós quando estivemos na escola. Transcrevo-a para este texto:



Fotografia 27 - Arquivo grupo de pesquisa ALMEF, professora Kaytre da E. M. Zulmira

Eu me lembrei e escrevi algumas partes daquela música do Titãs: Comida. Vocês conhecem? Essa música fala de algumas necessidades que nós temos. Necessidades básicas para viver, só que a gente não vive só de comida, a gente vive de muitas coisas... "A gente não quer só comer, a gente quer prazer para aliviar a dor", quer dizer a gente quer tudo aquilo que dá prazer para aliviar um pouco o sofrimento. E é assim que fazemos com as crianças, porque as crianças têm necessidades e não é só de comida, a necessidade delas vai além. É carinho, uma palavra de conforto, um abraço... é o olhar, às vezes só de você olhar para a criança ela se sente confortada. Tem um outro trecho da música que diz:

“Desejo, necessidade, vontade”, isso tem a ver com o desejo da criança de estar na escola. Muitas vezes elas querem ficar na rua e por quê? Por que na rua elas têm diversão, prazer, na rua elas fazem o que querem. Então a criança quando não tem prazer de estar na escola ela está por necessidade. Obrigadas pela sociedade, pela lei, pelos pais... em muitos casos, os pais trazem para a escola porque sabem que aqui tem comida, elas serão alimentadas. E a gente dá um pouco disso para elas, a gente tenta dar o pão e também a letra. (Relato de Kaytre, supervisora pedagógica, transcrição da gravação de uma das oficinas realizadas em 2011)

Quando penso neste relato e na cena que vi, confirmo a veracidade e sinto um nó na garganta. Ela, a professora, também sente, mas não transparece totalmente sua emoção, talvez tenha naturalizado para conseguir seguir adiante. Quantas vezes essa mesma situação deve acontecer com ela? Para trabalhar com os pequenos é necessário perceber suas necessidades para além do que podemos fazer. A docência é bem mais do que a sala de aula, é ampla, abrange o ser no social. Será que existe uma forma de se distanciar? O que um professor consegue fazer para preencher a necessidade do aluno?

Penso em Paulo Freire, nas classes que ele alfabetizou. Como conseguiu levar para as comunidades ribeirinhas uma forma de ampliar o mundo delas, alfabetizando-as com aquilo que dispunham de recursos, com aquilo que era possível e com aquilo que era conhecido pelos alunos.

Ainda dialogando com as professoras trago mais um relato, o da professora Valéria:



Fotografia 28 – Arquivo do grupo de pesquisa ALMEF, Professora Valéria da E. M. Zulmira.

“Eu coloquei: Como é bom aprender um pouco mais a cada dia. Porque o ensino não é algo estático, não tem só um tempo de saberes. Quando a gente entra na sala de aula, a gente trabalha com o imprevisível também, surgem questões que nos levam a vislumbrar o saber, você às vezes tem sua aula pronta e vê surgir nos olhinhos das crianças uma pergunta diferente, e ali você vai aprendendo com eles também. A gente vai se envolvendo e aprendendo muito com eles. A sala de aula mesmo com muita criança, muita agitação, é um lugar que eu me sinto bem, me sinto em paz...”

(Relato de Valéria, professora do 3º ano, transcrição da gravação de uma das oficinas

realizadas em 2011)

As oficinas realizadas com as turmas da professora Jaqueline e com as turmas das demais professoras da escola confirmaram para mim a reflexão de Valéria: inúmeras vezes, talvez na maioria delas, o planejamento tão cuidadosamente elaborado, fica em segundo plano em função das demandas da turma. Porém, mesmo que o trabalho em sala de aula acompanhe a programação pensada previamente, no contato com o outro o planejamento transforma-se, ganha sentido, torna-se vivo, palpável, real. É por esse motivo que a aprendizagem acontece, porque estamos convivendo, partilhando, experimentando juntos. E a aprendizagem ocorre nos dois lados, no lado da criança e no lado da professora que ensina, como Freire 1996, explica: *“Quem ensina aprende ao ensinar, e quem aprende ensina ao aprender”* (FREIRE, 1996, p.25).

Vou percebendo, à medida que tenho mais e mais contato com a escola que essa relação mencionada por Paulo Freire não se dá de forma isolada,

O professor só se constitui como tal porque quem ensina, ensina a alguém, e com esse alguém também aprende. É um processo que se dá duplamente, as duas partes se explicam, uma com a outra, não solitariamente (...) (ABREU, ARAÚJO, COELHO, 2012)

Não há docente sem o discente, por mais obvio que possa parecer só é possível sentir que se torna professor quando se está em contato com os pequenos, na escola e às vezes fora dela.

Silvia, a professora de Educação Infantil na mesma escola, também me ensina compartilhando sua rotina:



Fotografia 29 - Arquivo grupo de pesquisa ALMEF, Professora Silvia da E. M. Zulmira.

“Eu escrevi: Todo dia é dia de ensinar e aprender. É sobre aquela questão da Educação Infantil, do Jardim, né? O ensinar é uma coisa diferente do que a gente imagina geralmente se imagina que vai ensinar a ler, a escrever, ensinar os números e não é por aí. A gente ensina mais as questões do cotidiano, do respeito, coisas até que a família deveria passar... e é interessante ver quanto a ensinar e aprender que a gente é quem aprende muito. Tem coisas que surpreendem e que só a criança pode falar e pode ver daquela forma, a forma da criança. E a gente

aprende “dessa forma” também querer voltar a ser criança e ter essa pureza que eles tem. Eu fiz um jardim para simbolizar todos nós, que devemos cuidar, regar e não só as crianças, todas somos um jardim..” (Relato de Silvia professora do Jardim - transcrição da gravação de uma das oficinas realizadas em 2011)

Mairce nesse mesmo dia de reunião com as professoras traz o seu relato e completa para mim o sentido das palavras de Silvia:



Fotografia 30 - Arquivo do grupo de pesquisa ALMEF, professora Mairce Orientadora.

“Eu me lembrei de uma música do Milton Nascimento que me acompanha há muito tempo: Há um menino, há um moleque, morando sempre no meu coração... Eu sei que isto é a minha história. Essa música tem a ver comigo e não é à toa, porque eu sempre fui um moleque na minha infância. Então a gente não pode perder isso. Quando a Silvia diz que tem coisa que só a criança faz, por que a gente se espanta? Por que a gente esquece disso? Por que fica tão longe que deixa a gente de queixo caído? Só fica de queixo caído quem esquece do moleque que mora no coração da gente... esquece das dúvidas que a gente tem, esquece desse espírito de curiosidade, da vontade de saber, de perguntar. E temos nos desdobrado sobre essa

capacidade que as crianças possuem de fazer perguntas simples e fundamentais. Os grandes filósofos, os grandes sociólogos de hoje se debruçam sobre isso, sobre as perguntas das crianças. Às vezes a gente esquece que essas perguntas estão no nosso coração, no meu com certeza mora um menino, um moleque que jogava bola de gude, que soltava pião, que fazia bola de meia... cadê nosso menino, nosso moleque que não quer solidão? O que a gente aprende com as crianças?” (Professora Mairce, Orientadora do grupo Almef, transcrição da gravação de uma das oficinas realizadas em 2011).

Mairce com sua experiência aproveita a fala de Silvia, coloca a sua e nos deixa pensativas. Outras falas potentes e importantes surgiram naquele dia de oficina e em todos os demais. Mas esses relatos fizeram sentido para mim, me tocaram mais, talvez por que falam de experiências que desejo viver. Talvez porque são as falas de professoras que admiro, que tive contato e que me mostraram um pouco da vida na escola, um pouco sobre a profissão.

Quanto aprendemos com as crianças? Quanto podemos aprender com essa facilidade que elas possuem de questionar, de perguntar sem o peso moral da pergunta? Elas querem saber e para isso perguntam sem se preocupar com o que o

outro vai achar da sua pergunta, sim elas simplesmente perguntam, nos fazem refletir e nos ensinam. Eu digo que tenho aprendido muito e que elas me mostram a todo o momento que, aquilo que acho que sei pode ser questionado, sempre. Que não há certezas. Que a idade de vida não significa que você sabe mais ou menos que o outro e não explica tudo a nossa volta. É preciso não esquecer o menino e o moleque que habita em nós, é preciso não ter as respostas para tudo, não ter essa obrigação. E principalmente, não ter a pretensão que sabemos tudo ao ir para a sala de aula. Que estar na e com a presença do outro nos completa, pois juntos formulamos e tentamos buscar respostas para tantas questões. É lembrar que a característica primordial do ser humano é ser pensante, é ser questionador, é não deixar a dúvida morrer e formular sempre novas questões, novas incertezas. Porque enquanto há vida estaremos como ser social que somos, formulando e reinventado.

A professora que desejo ser... uma profissional que se coloca à disposição da criança, que tenta ouvir os pequenos e que não possui a resposta para tudo. Uma professora que tem alegria em vivenciar o dia a dia dos pequenos na escola, que procure estar atenta, a observar com carinho, a olhar para a criança e que através do olhar mostre que ela é importante e que possui o futuro que desejar, aquilo que sonhar ser.

Sinto que o caminho é difícil. Nas reuniões da Escola Zulmira, naquela sala de professoras e em outras salas da escola, percebia expressões de desapontamentos. Será que a verba da escola não chegava? Como lidar com o desapontamento de realizar uma festa de natal para os pequenos sem recurso algum? De tantas dificuldades e tantos desafios que a escola passou naquele período e que presenciei nas poucas vezes que lá estive, percebi que nos olhos daquelas professoras restava uma paixão, uma esperança... o que as motivava a prosseguir? Como driblar os percalços sem tropeçar, sem cair? Não possuo as respostas ainda, talvez elas não sejam necessárias... talvez.

CONCLUINDO E INCONCLUINDO: Sempre prosseguindo...

Certa vez li um texto na internet sobre o uso das reticências, percebo que assim como o autor desconhecido também gosto de usá-las. Diferente do ponto final, que quer dizer final, diferente da vírgula, que quer dizer pausa, as reticências dão o sentimento de que a frase, o texto está inacabado, em andamento... que a todo e qualquer momento algo pode ser acrescentado. E não é isso que acontece conosco enquanto temos vida?

Estamos todo o tempo em processo, em formação...

Neste primeiro trabalho monográfico percebi o quanto é árduo escrever. Sim, Clarice Linspector tinha razão, *é como quebrar rochas*. Cada palavra escrita, cada letra adicionada é uma partícula de rocha quebrada. Às vezes é necessário quebrar várias rochas para construir uma única frase, outras vezes é necessário quebrar milhares e milhares de rochas até perder a conta... Quiçá a gente não queira contar quantas frases, palavras, linhas, páginas foram apagadas, cortadas, emendadas, deletadas enquanto escrevemos um texto, seja ele monográfico ou não, por que seria mais assustador ainda.

Pela mente, um filme vai passando em câmara lenta mostrando as primeiras experiências na escola e as brincadeiras de ser professora quando criança. Naqueles dias, me lembro bem, eu nunca era a aluna, sempre a professora. Eu não sabia naquele tempo que talvez estivesse anunciando uma futura profissão.

Ainda durante o processo de escrita monográfica e com o curso de Pedagogia finalizado, enquanto deixava um currículo nas escolas privadas, em busca de uma assumir a docência, agora com uma certificação que me habilita, pensava: é preciso seguir adiante, preciso trabalhar.

A escolha de partir para as escolas particulares a princípio não foi uma opção. Contudo, as razões de cunho sócio-econômico que me levam a buscar tal caminho hoje, talvez seja um bom comparativo futuramente quando tiver a oportunidade de passar em um concurso público tão desejado. De toda forma, foi na escola particular que pela primeira vez ouvi a secretária dizer a seguinte frase:

- *Fulana, a professora chegou para a entrevista! Pode entrar professora, se sente ali.*

Meu coração se aqueceu de uma forma grandiosa! Foi a primeira vez que alguém me tratava como professora. E o som dessa palavra, a forma como chegou aos meus ouvidos me fez sentir um bem enorme. Vou tentando explicar, mas tal sensação apenas quem é professora pode entender. Entender o que é o momento em que se escuta a palavra PROFESSORA referindo-se a você!

Estudar cinco anos na graduação, aprender e esquecer. Aprender conteúdos e autores que quero seguir, que quero que façam parte da minha prática e outros esquecer. Mas mesmo assim é preciso conhecê-los. Estudar cinco anos para ser chamada de professora. Creio que desde a infância, desde o momento que brincava de ser professora, já estivesse aprendendo a sê-la.

Comecei em fevereiro deste ano 2014 minha primeira turma. Uma turma de “grandes pequenos”. Educação Infantil, crianças de 3 e 4 anos. Em alguns momentos me pego sendo rígida com eles e me lembro das cenas que via na Escola Zulmira e que naquela época não entendia. Não entendia que as crianças brigavam por coisas simples e comuns, que elas também sabem ser rudes quando querem algo e mordem, beliscam, cospem, batem. Para muitas é a primeira vez que partilham de algo, é a primeira vez que não podem ter seus desejos pessoais atendidos, pois estão em um espaço em comum e para que tudo corra da melhor forma possível precisam fazer alguns “combinados” com a professora.

E vou conseguindo explicar aos pequenos que não podem bater, sempre que desejam algum brinquedo, algum lápis, alguma folha... que não podem correr em locais da escola considerados perigosos, que não podem empurrar os amigos durante a formação da fila... tantos não... para muitas crianças os primeiros “nãos” que ouviram fora de casa.

O inevitável acontece, as regrinhas da sala vão surgindo. Mas tento, na medida do possível, construí-las com os pequenos. Não é fácil, é um passo de cada vez, mas à medida que o tempo passa, vou observando que eles já se organizam e entendem a rotina da nossa sala.

Ainda penso nos momentos que sou obrigada a alterar a voz com os pequenos, mesmo que em meu coração deteste essa forma de expressão.

Quando a professora tem um gesto visto como rude ou altera a voz quase gritando e, às vezes gritando com as crianças, não significa que o faz o tempo todo. Não significa que não existe carinho em sua prática e que não tenha momentos de

afeto com os pequenos. Momentos de prazer, de sorrisos espontâneos e gargalhadas dos pequenos.

Enquanto estagiei nas escolas observava alguns gritos e ficava pensativa, trazia muitas vezes tais questionamentos para a faculdade, para Mairce que de forma carinhosa tentava ampliar meus sentidos em relação à professora.

Agora entendo. Entendo que muitas vezes a professora grita, pois as vozes infantis são tão altas que nos calam. Que é preciso dizer um sonoro: CRIANÇAS!!! Pois elas estão tão agitadas que não irão te ouvir se sua voz sair normal. Que certas crianças copiam umas às outras e ao verem atitudes de violência uns com os outros simplesmente a reproduzem. Em uma avalanche de acontecimentos crescentes a professora grita.

Agora entendo.

Entendo que o planejamento difere daquilo que desejo fazer. Que tenho que seguir os conteúdos programados pela escola. Que atividades que dão prazer às crianças muitas vezes são impedidas pela coordenação e dizem que não são adequadas, que os pais irão reclamar.

Entendo também que ser professora é assumir alguns riscos corajosamente. É atender alguns caprichos das crianças mesmo que o programa não permita, e que quando fecho a porta o espaço da sala de aula é meu com elas e, portanto, posso me permitir algumas “artes” com as crianças.

Aprendo. Aprendo que os pequenos são nossos aliados, que é possível convencer a escola se crianças, professora e pais estiverem juntos. E que essa última parte que une docência e pais talvez seja o maior desafio.

Aprendo todos os dias que estou com elas. Aprendo com o olhar delas, com o gesto de roubar uma flor para me dar, aprendo quando largam a mochila e soltam do braço da mãe para correrem para os meus. Aprendo com a criança que nos primeiros dias teve dificuldade de se adaptar e que hoje, ao tocar o sinal se despede da mãe e fecha ela mesma a porta.

E quando caem me procuram, quando brigam me procuram, quando querem fazer xixi me procuram, quando outro adulto quer lhes dar ordem me procuram. A criança transfere a confiança que sente com a mãe para mim, sua professora. Se a mãe não está ali, é a tia que ela procura.

É possível ser a professora que sonho, uma profissional que consegue transmitir carinho no mesmo momento em que aprendemos juntos. Uma profissional que precisa buscar seus direitos e ainda assim amar o seu trabalho e que está sempre carregando bolsas e bolsas de material para fazer algo diferente e motivador com os pequenos. Cada vez mais as memórias das escolas que passei, enquanto estive na graduação, estão presentes. As falas das professoras da escola, as falas das professoras da faculdade, as falas da minha professora / orientadora. E o quanto ela dizia:

-Tente se colocar no lugar da professora! Tente entender o motivo que as faz demonstrar gestos que nós não entendemos! Você está pouco tempo na escola, esse momento não significa todos os outros.

Deve ser por isso que as professoras do Zulmira respondem quando as alunas da Pedagogia vão procurar a escola para fazerem estágio:

- Só aceito na minha sala se for aluna de Mairce.

Agora entendo.

Tudo começa a ter um novo sentido e a estrada foi percorrida. É provável que ainda volte a ela para rever o percurso feito, os trechos reparados... é provável que eu perceba outros trechos abandonados e faça uma nova viagem em uma outra estrada. O importante é voltar na estrada para sempre seguir adiante.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, Ruttyê. ARAÚJO, Mairce. COELHO, Gláucia. *Que Bagagem! Marcas significativas na docência*. In: 18º COLE: Congresso de Leitura do Brasil “O mundo grita. Escuta?”. UNICAMP, Campinas, 2012.
- ABREU, Ruttyê. *COLCHA DE RETALHOS: Compartilhando, reinventando... costurando experiências e práticas pedagógicas*. Comunicação Oral apresentado na SEMIC 2013.
- ALVES, Nilda. *Decifrando o pergaminho – o cotidiano das escolas nas lógicas das redes cotidianas*. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa de, ALVES, Nilda (orgs). *Pesquisa no/do cotidiano das escolas; sobre redes de saberes*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. p. 13-38.
- ARAÚJO, Mairce. *Alfabetização, Memória e Formação de Professores: Entrelaçando Práticas e Saberes no diálogo com a Escola Básica*. Projeto de Pesquisa. FAPERJ, Rio de Janeiro, 2010.
- _____. *Alfabetização tem conteúdos?* In: Regina Leite Garcia. (Org.). *A Formação da professora alfabetizadora: reflexões sobre a prática*. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2003, v. 1, p. 83-104.
- _____. e PEREZ, Carmen L Vidal. *Cultura, Linguagem e Alfabetização: ressonâncias da oralidade na apropriação da linguagem escrita*. In: *Paradoxa – Projetivas Múltiplas em Educação*. Rio de Janeiro: v. 17, p. 131-140, 2004.
- _____. *Pensando Práticas e Saberes na Formação Continuada de Professores/as*, 2010.
- AZEVEDO, Francine. Relatório Faperj. 2012. Rio de Janeiro
- BARROS, Manoel de. *Memórias Inventadas: As infâncias de Manoel de Barros*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2008.
- COELHO, Gláucia de Castro C. *“Flashes” de Memória de uma professora da infância: Aprendendo a aprender nos (entre)caminhos de uma formação*. São Gonçalo: UERJ/ FFP, 2014. 70f. Monografia (graduação em Pedagogia)
- ESTEBAN, Maria T. *Provocações para pensar em uma educação outra: Conversa com Carlos Skliar*. Revista Teias. v.13 n.30 set/dez. 2012

FOX, Mem. *Guilherme Augusto de Araújo Fernandes*. Tradução Gilda Aquino. São Paulo: Brinque-Book, 1995.

FREIRE, Paulo. *Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. São Paulo : Cortez & Moraes, 1979.

_____. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Madalena. *O que é um grupo*. In: Esther Pillar Grossi e Jussara Bordin (Org.) *Paixão de Aprender*. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

GARCIA, Regina L. *Discutindo a escola pública de Educação Infantil – a reorientação curricular*. In: Carmen Lúcia Vidal Perez... [et al.]; Regina Leite Garcia. (Org.) *Revisitando a Pré-Escola*. 2ªed. São Paulo: Cortez, 1993.

JESUS, Regina de F. ARAÚJO, Mairce. *A história de vida como texto alfabetizador: rememorando uma experiência de formação de educador@s populares*. In: Regina Leite Garcia ; Edwiges Zaccur. (Org.). *Alfabetização - Reflexões sobre saberes docentes e saberes discentes*. 001 ed. São Paulo: Cortez, 2008, v. 001, p. 128-144.

MALAGUZZI, Loris. *As Cem Linguagens da Criança*. In: Carolyn Edwards...[et al.] (Org.) São Paulo: Artmed, 1999.

MIGNOT, Ana Chrystina V. *Decifrando o recado do nome: Uma escola em busca de sua identidade pedagógica*. *Revista Bras. Est. Pedagógica*. Brasília, v.74, n.178, p.619-638, set./dez. 1993.

RICOEUR, Paul. *Paul Ricoeur e a Simbólica do Mal*. In: Fernanda Henriques (Org.). Porto: Edições Afrontamento, 2005.

SANTOS, Milton. *Por uma outra Globalização: do pensamento único à consciência universal*. São Paulo. Record, 2000.

SARMENTO, Manuel J. *Sociologia da Infância: correntes e confluências*. In: Manuel Sarmento, Maria Cristina Soares de Gouvea (orgs.) *Estudos da Infância: educação e práticas sociais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

SCIESKA, Jon. *A verdadeira história dos três porquinhos! / Por A. Lobo*. Tradução Pedro Maia. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2005.

VALERIANO, Luana, ARAUJO, Mairce. *Diálogos escola-universidade: (re)inventando caminhos na alfabetização de crianças das escolas de São Gonçalo*. Comunicação apresentada no V Seminário Vozes da Educação: formação docente, experiências políticas e memórias polifônicas. UERJ/FFP, São Gonçalo, 2013.

VYGOTSKY, Leon. *Pensamento e Linguagem*. São Paulo, Martins Fontes, 1999.

WILD, Margaret. *Lembra de mim*. Tradução de Gilda Aquino. São Paulo: Brinque-Book, 2009.

ZACCUR, Edwiges; ESTEBAN, Maria Teresa do Vale. (orgs) Professora-pesquisadora. Uma práxis em construção. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.